

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

EDYLAYNE MARQUES ANTUNES DA SILVA

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: A DESINFORMAÇÃO NA ERA DA INTERNET

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: *Edylayne Marques Antunes da Silva*

Título do trabalho: *Sociedade da Informação: a desinformação na Era da Internet*

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Edylayne Marques Antunes da Silva
(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo:

Laura Olimia
(Nome completo do orientador)²

Data: 16 / 12 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação de dissertação/tese em livro.

Versão abril de 2018

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

EDYLAYNE MARQUES ANTUNES DA SILVA

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: A DESINFORMAÇÃO NA ERA DA INTERNET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito para conclusão do Bacharelado em Biblioteconomia

Orientadora: Profa. Me. Cassia Oliveira

GOIÂNIA

2019

S586s

Silva, Edylayne Marques Antunes da.

Sociedade da informação: a desinformação na era da internet
[manuscrito] / Edylayne Marques Antunes da Silva. – 2019.
67 f.: il.

Referência

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de
Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2019.

1. Sociedade da Informação 2. Desinformação 3. Mediação da
Informação 4. Era da Internet.

CDU: 024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

EDYLAYNE MARQUES ANTUNES DA SILVA

**SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: A DESINFORMAÇÃO NA ERA DA
INTERNET.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em 13/12/2019 pela banca examinadora composta pelos seguintes profissionais:



Profª. Ms. Cássia Oliveira
Orientadora



Profª. Dra. Maria das Graças Monteiro Castro
Convidada

À minha mãe, por todo o apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e meu pai, por me apoiarem durante todos esses anos, por todo o carinho e cuidado que sempre tiveram por mim.

A meu irmão, William, que só por existir me torna mais feliz.

A professora Cássia, por toda a ajuda que me ofereceu durante a escrita deste trabalho, por desemaranhar minhas ideias e esclarecer minhas dúvidas.

A professora Graça, por aceitar participar da banca avaliadora e por ter me permitido participar do LIBRIS, meu lugar favorito, do qual levarei boas recordações e grandes aprendizados.

A Jumana, Thalia e Iza, que estão comigo desde o começo desta jornada, que fizeram essa graduação valer a pena, que me ensinaram muito, que sentirei falta de ver todos os dias, pessoas maravilhosas as quais desejo todas as alegrias do mundo.

E a todos os amigos que fiz nesta faculdade, a todos os ensinamentos e alegrias proporcionadas neste rito de passagem, que me permitiram encarar o mundo.

“Uma biblioteca é uma ilha de conhecimento em um mar de ignorância, principalmente se está em um lugar elevado e a área ao redor coberta de água.”

Desventuras em Série, Lemony Snicket.

RESUMO

Esta investigação pretendeu refletir sobre o atual contexto de desinformação na Sociedade da Informação. Vive-se um momento histórico em que se tem mais acesso à informação do que em outros momentos, no entanto, vê-se surgir o fenómeno da desinformação a partir da produção e da ampla disseminação de notícias falsas (*Fake News*). Apresenta-se, a partir disto, uma discussão que contextualiza as principais mudanças referentes ao uso das tecnologias; a importância da Biblioteconomia como área que deve se responsabilizar pensando e propondo estratégias de formação e combate às notícias falsas; e as características das *Fake News*, além de sugestões para a avaliação dos conteúdos produzidos e consumidos na Internet. A abordagem metodológica do trabalho foi baseada na Pesquisa Bibliográfica. Foi concluído que o profissional bibliotecário não pode isentar-se da discussão sobre os conceitos da Era da Internet, precisando assumir o compromisso de procurar promover maior autonomia e competência de seus usuários na busca pela informação, assim como garantir que a biblioteca seja vista como um espaço seguro para a busca de informações confiáveis.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Sociedade da Informação. Desinformação. Mediação da Informação.

ABSTRACT

This research aimed to reflect on the current context of disinformation in the Information Society. The present society lives a historical moment in which there are more access to information than any other times, however, we see the phenomenon of misinformation from the production and wide dissemination of false news (Fake News). From this, a discussion is presented that contextualizes the main changes regarding the use of technologies; the importance of library science as an area that should be held responsible for thinking and proposing strategies for training and combating false news; and the characteristics of Fake News, as well as suggestions for evaluating the content produced and consumed on the Internet. The methodological approach of this work was based on Bibliographic Research. It was concluded that the librarian cannot exempt themselves from the discussion about the concepts of the Internet Age, having to make a commitment to promote greater autonomy and competence of its users in the search for information, as well as to ensure that the library is seen as a Safe space for searching reliable information.

Keywords: Information Society. Internet Age. Disinformation. Information Mediation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Matriz da Desinformação..... | 36 |
| Figura 1 - A estrutura de uma notícia falsa..... | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1 DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO..... | 15 |
| 1.1 ANTES DAS MÁQUINAS, A PALAVRA..... | 15 |
| 1.2 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E INFORMACIONAL..... | 19 |
| 1.3 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO..... | 26 |
| 1.3.1 A COMUNIDADE DIGITAL: SOLIDÃO, ANSIEDADE INFORMACIONAL E EXCESSO DE INFORMAÇÃO..... | 29 |
| 2 A ERA DA INTERNET E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO..... | 33 |
| 2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO..... | 34 |
| 2.2 O COMBATE À DESINFORMAÇÃO..... | 36 |
| 2.3 A MANIPULAÇÃO DE MÍDIAS..... | 38 |
| 2.4 A PÓS-VERDADE E A NATURALIZAÇÃO DAS OPINIÕES..... | 47 |
| 3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E RESULTADOS INVESTIGATIVOS..... | 50 |
| 3.1 METODOLOGIA DE PESQUISA..... | 50 |
| 3.2 OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES DA PESQUISA..... | 52 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| REFERÊNCIAS..... | 60 |

INTRODUÇÃO

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás apresenta uma estrutura curricular cujo propósito é o de “contemplar a complexidade dos diferentes contextos impostos pelas Bibliotecas e outras Unidades de Informação, sem perder de vista suas dimensões sociais, educacionais e culturais” (Projeto Político Pedagógico, 2016, p. 16).

A partir de eixos que compõem os núcleos comum e específico da grade curricular, o estudante do curso irá trabalhar, dentre outros temas, com diversas questões históricas e atuais relacionadas a informação e a produção de conhecimento e aos modos como esses acontecimentos podem interferir, afetar e mudar as realidades sociais.

Para além disto, tais questões nos trazem reflexões sobre a importância de uma biblioteconomia que se importe com o modo como produzimos e disseminamos conteúdos, do mundo de papel ao mundo digital, exercitando um olhar crítico sobre a mediação da informação e a nossa responsabilidade com os fenômenos atuais como a reprodução de notícias falsas. O que a Biblioteconomia tem a ver com isto?

Uma das principais funções do (a) bibliotecário (a) é a disseminação de informações, conteúdos e conhecimentos. Este profissional tem como ferramenta de trabalho a informação, levando o usuário até a referência necessária. Em nosso cotidiano atual, onde a informação está estabelecida no centro de nossas vidas e estamos ativamente mediados por tecnologias que nos levam até elas, a Biblioteconomia tem a obrigação e o desafio de atualizar o debate sobre a produção e mediação de conteúdo no contexto das novas tecnologias da informação e comunicação.

Nos últimos tempos as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) assumiram espaço central na vida cotidiana do mundo contemporâneo e possuem papel fundamental na construção e organização da sociedade atual. Tais tecnologias são resultado de um longo processo histórico que se desenvolveu a partir da Revolução Industrial, intensificando-se com a Segunda Guerra Mundial. Estes acontecimentos históricos estão relacionados às diversas tecnologias desenvolvidas para a disseminação e armazenamento de dados e/ou informações e para a facilitação e eficiência dos métodos de comunicação, ambos coexistindo de maneira

simbiótica. Os maiores exemplos dessas tecnologias seriam os e-mails, os sites, blogs, redes sociais e a internet de maneira geral.

Em nosso contexto atual, as Tecnologias da Informação e Comunicação são protagonistas nas interações entre amigos e familiares, nas formas de trabalho, e até mesmo no entretenimento. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2015, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em 2015 o número de domicílios com acesso à internet no Brasil era de 34 milhões, e os com acesso à banda larga era 21 milhões - sendo que 70% desse total estão concentrados nas regiões Sudeste e Nordeste (MENDONÇA; SILVA, 2018, p. 59).

Levando em conta o enorme fluxo de informações circulando, as diversas formas e fontes e a relativa facilidade de acesso, o fato de o fenômeno da desinformação ainda ser um grande problema em nossa sociedade levanta diversas questões. Para Demo (2000, p. 39), desinformar é “parte importante do processo de informação”, e por isso podemos dizer que, uma das formas mais comuns de desinformação é justamente a exposição exacerbada a um grande número de informações, que muitas vezes não são analisadas criticamente por seus leitores.

Em uma sociedade cujo comportamento informacional tem se configurado a partir de novas relações com o tempo e com o espaço, causadas pelo uso exacerbado das tecnologias, vemos um cotidiano que preza pela velocidade de comunicação. Um bom exemplo é o funcionamento e o uso que fazemos das redes sociais: o tempo gasto para verificação de dados parece inútil e trabalhoso, o que cria conseqüentemente um processo precário de verificação e seleção de informações.

Para além disso, a separação entre notícias e artigos de opinião se tornaram cada vez mais turvas nesses espaços digitais, permitindo que textos baseados apenas em emoção e “achismos” sejam interpretados com a mesma seriedade que notícias reais seriam, pois compartilham da mesma plataforma e acabam por esse motivo causando uma sensação de igualdade. Segundo Shirky (2012, p. 72)

a paisagem da mídia transformou-se, porque comunicação pessoal e publicação, antes funções separadas, agora se confundem. Um resultado é a ruptura do velho padrão de separação profissional entre o bom e o medíocre antes da publicação; agora essa filtragem é cada vez mais social e acontece a posteriori (SHIRKY, 2012, p. 72).

Portanto, a divisão clara que existia antes entre opinião e fato, definida principalmente por seu meio de publicação, não existe mais, sendo agora de responsabilidade do leitor separar um do outro. É recorrente na utilização das redes sociais o compartilhamento de notícias e artigos semelhantes sem a verificação das fontes ou até mesmo sem a leitura da matéria completa, limitando-se a apenas a leitura das manchetes. Trata-se, inclusive, de títulos que são considerados, na maioria das vezes, como *clickbaits*, ou seja, títulos apelativos e às vezes até mentirosos, cujo objetivo é chamar a atenção dos usuários destas redes de maneira imediata para contabilização de acessos ao link pelos algoritmos dessas mídias.

O que estaria por trás deste processo superficial de busca por informação onde os sujeitos praticam a reprodução de conteúdos falsos a partir de leituras fragmentadas e mutiladas? Suspeitamos que para nos tornarmos pessoas capazes de interpretar e analisar os conteúdos disponibilizados nos inúmeros equipamentos e serviços criados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, precisamos dominar a faculdade da leitura. Esta, que é uma experiência humana transcendental, é fundamental para desenvolvermos um processo de compreensão crítica do mundo com mais responsabilidade e competência para distinguir, em meio a tanta informação, o que é relevante e autêntico do que é falso e dissimulado.

Portanto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de pensarmos nas responsabilidades do (a) bibliotecário (a) com a formação e mediação para a busca da informação e produção do conhecimento comprometidos com a verdade. Trata-se de pensarmos em um acesso democrático mais consciente e consistente da informação. Isto porque sabe-se que atualmente aqueles que consomem a informação também a produzem e o fazem sem formação específica, sem pesquisa e reflexão.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, trata-se do percurso histórico que conduz à configuração social atual, começando pelo princípio da passagem de conhecimento da humanidade, a chamada oralidade primária, seguindo para as revoluções tecnológicas que moldaram nossa relação com as tecnologias atuais, até a Sociedade da Informação e os problemas que o excesso de informação pode ocasionar. No segundo capítulo, será tratado o papel do profissional bibliotecário neste cenário, a desinformação e suas diversas causas, tratando de conceitos como excesso de informação, manipulação de mídias e a pós-verdade. No terceiro capítulo, apresenta-se a abordagem metodológica e a

formulação e reflexão sobre algumas maneiras de contornar os problemas causados pelos cenários descritos.

1 DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Neste primeiro capítulo será apresentada uma discussão ligada ao desenvolvimento da atual relação com as tecnologias, trazendo para isso um breve apanhado histórico sobre as formas de comunicação e disseminação de conhecimento utilizadas nas sociedades no decorrer de sua história: da palavra falada, da palavra escrita e dos modos em que ambas foram e são grandes tecnologias. Passamos pela Revolução Industrial e pela Revolução Informacional até chegarmos na presente Sociedade da Informação. Tal panorama é essencial para este trabalho, pois a sociedade atual é resultado de longos processos históricos intrinsecamente conectados.

1.1 ANTES DAS MÁQUINAS, A PALAVRA

Antes da escrita, das máquinas e da internet, a principal forma de comunicação e transmissão de conhecimento da humanidade era a palavra falada. Por meio da narrativa dos mitos e lendas, dos ritos e dos cantos, as informações eram transmitidas de geração em geração. Esta experiência de transmissão de conhecimentos por meio do compartilhamento de narrativas, tendo a memória como propulsora e a palavra como condução, trouxe, dentre outras experiências, a constituição de identidades e o estabelecimento das relações de pertencimento para os grupos sociais.

Alguns autores (RICOEUR; BENJAMIN; ARENDT) se dedicaram a pensar na memória como o ato humano que salva as pessoas do esquecimento, que salva o passado, que faz compreender, minimamente, sobre si mesmo e sobre sua origem. Sem a memória e a palavra, as pessoas ficam sujeitas a acreditar nas histórias que lhes são contadas.

Por isso, antes de discutir a presença das novas tecnologias e as competências ligadas à informação e ao conhecimento, é relevante entender o uso da faculdade da linguagem, da palavra e da memória e seu papel no desenvolvimento da humanidade.

A palavra falada é uma das primeiras experiências que a humanidade teve com a elaboração da informação e do conhecimento. Ela é essencial para o desenvolvimento de todas as suas sucessoras e ainda hoje, pode-se afirmar, que é a tecnologia da informação mais primordial e mais utilizada. Apesar de todas as transformações que ocorreram no modo de vida e na sociedade em geral, a fala e a palavra escrita continuam no cerne da comunicação humana, estando intrinsecamente ligadas ao uso das novas tecnologias. Por isso, entender a relação humana com a linguagem é o ponto inicial para entender a relação humana com a informação e tecnologia. Segundo Paulo Freire (1989. p. 9)

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

Assim, a leitura não parte da palavra escrita, e sim da compreensão de mundo da qual depende o entendimento crítico do que se lê, permitindo então a transformação de informação em conhecimento.

A relação do mundo contemporâneo com a tecnologia está sendo influenciada diretamente pelos diversos desenvolvimentos históricos e sociais de tecnologias e competências que acabaram se tornando senso comum em um nível tão profundo que são entendidos como algo natural ao ser humano, e não como habilidades desenvolvidas no decorrer de muitos anos. Porém, antes de qualquer grande ou complexo desenvolvimento tecnológico, as competências inerentes ao ser humano ditavam a forma como a sociedade se desenvolvia e a passagem de conhecimento acontecia. Uma das competências mais usadas antes da invenção de uma das tecnologias mais inovadoras do mundo antigo – a escrita – era a memória, a oralidade e as artes, as três caminhando juntas para a transmissão de conhecimentos e para o desenvolvimento da sociedade.

Na Grécia antiga, a memória possuía um lugar privilegiado no panteão dos deuses. Sua personificação era a deusa Mnemosine, filha dos deuses primordiais, Gaia - a Terra e Uranos - o Céu, e mãe das nove musas, as patronas das artes, da cultura e da inspiração. Mnemosine e as musas sintetizam a dinâmica das sociedades antes da escrita, onde a memória de seu povo era um elemento de

extrema importância para manter sua cultura viva, e onde as artes tinham o papel essencial na passagem dos conhecimentos às gerações futuras. Segundo Lévy:

as representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de música e rituais diversos (LÉVY, 1993. p.83).

Em outras palavras, em uma sociedade que precede o uso da escrita, as artes de natureza oral, como a música, a dança, as encenações, etc., são de maneira geral as formas mais eficazes de transmissão do saber de um povo.

Anansi, a aranha, deus originário da África Ocidental, era conhecido por sua esperteza e por suas travessuras com as quais derrotava adversários muito mais fortes e ágeis. Diz a lenda que nos primórdios do mundo, antes da noite e do dia, Nyame, o deus dos céus, era o dono de todas as histórias. Por isso, o mundo era um local sem vida e ocioso, situação que irritava Anansi profundamente. Então, para resolver este problema, a aranha foi ao encontro de Nyame e lhe pediu as histórias. O deus então deu à Anansi a tarefa de capturar três criaturas: vespas, uma jiboia e um tigre; Anansi então jogou água no vespeiro e as prendeu em uma cabaça e quando elas saíram para fugir da água, enganou a jiboia dizendo que queria medir o que era mais longo: a vara que havia trazido ou a cobra, que se esticou rente ao galho e foi prontamente amarrada a ele por Anansi. (WILKINSON, 2010)

Para capturar o tigre, a aranha cavou um profundo buraco e o cobriu com folhas; o tigre, distraído, caiu dentro e foi capturado. A aranha então levou as criaturas para Nyame que não teve escolha a não ser entregar as histórias do mundo à Anansi, que as distribuiu pela criação. Esta lenda africana, de natureza extremamente metalinguística, conta como Anansi tornou-se o deus das histórias e as colocou na vida das pessoas, sendo assim um mito transmitido com a finalidade de explicar o surgimento da chamada “oralidade primária”.

A oralidade primária se trata da maneira como era utilizada a palavra antes da escrita e suas funções. Lévy (1993, p. 77) diz que “numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre a lembrança dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificadas com a memória, sobretudo a auditiva”. A palavra neste ambiente tem uma função ligada à manutenção da memória social, pois era por meio da palavra que os ofícios eram

aprendidos, os deuses eram cultuados e as tecnologias eram desenvolvidas. A lembrança dos indivíduos e as memórias do povo eram os elementos mais ligados ao conceito de sabedoria, pois era a forma como as informações eram passadas.

Para Lévy (1993, p. 84), “nestas culturas, qualquer proposição que não seja periodicamente retomada e repetida em voz alta está condenada a desaparecer”. Essa característica garante às sociedades orais um caráter cíclico, de sempre retornar ao ponto inicial, visto que não haviam, ainda, tecnologias capazes de preservar o conhecimento, como faz hoje a escrita, a prensa ou o computador.

No livro de ficção fantástica “Deuses Americanos”, de Neil Gaiman (2001), a existência dos deuses é consequência direta da memória dos indivíduos. O poder de um deus é ligado ao seu povo, à adoração das pessoas que o cultuam contando sua narrativa e fazendo oferendas. Quando um povo começa a se afastar dos ritos de um deus, o mesmo se torna cada vez mais fraco, até que, esquecido completamente, deixa de existir. Da mesma maneira acontecia com a transmissão de conhecimento nas sociedades que antecedem os tempos atuais, cujo modo de organização e preservação deste conhecimento se dava pela oralidade primária: quando uma história deixava de ser contada, cultuada e repetida, os conhecimentos possíveis que trazia, caem no esquecimento, perdem-se nos limites da memória e da vida humana.

Ao mesmo tempo que a oralidade primária possui esta característica de retorno, o mesmo não é imutável, pois uma vez sem pontos fixos de consulta, as narrativas são adaptadas para a realidade dos indivíduos, sempre uma releitura de conceitos, por conta de sua natureza verbal. Segundo Lévy,

a oralidade primária é também o devir, um devir sem marcas nem vestígios. As coisas mudam, as técnicas transformam-se insensivelmente, as narrativas se alteram ao sabor das circunstâncias, pois a transmissão também é recriação, mas ninguém sabe medir essas derivas, por falta de ponto fixo (LÉVY, 1993, p. 84).

Portanto, a oralidade primária é ao mesmo tempo repetição e evolução, pois no movimento de “passar a palavra” ocorre uma constante recriação, permitindo desta maneira que as narrativas sejam adaptadas a novos contextos, mantendo sua relevância por um longo tempo.

Para entender a atual relação com a informação, é preciso primeiro ter ciência de como a transmissão do conhecimento foi constituída, bem como os caminhos e

modos de se produzir e desenvolver conhecimento. A informação se adapta a sociedade na qual está inserida, sendo comunicada por diversos propósitos, ou seja, foram construídas novas maneiras de se informar e de se comunicar que atendem também à novas demandas informacionais.

Para compreender o momento presente e as mudanças e desafios que uma vida mediada por tecnologias impõe, é preciso compreender, minimamente, o processo histórico de transmissão de conhecimento e comunicação de uma sociedade. Isto porque não é possível ignorar a oralidade e a própria escrita em detrimento da linguagem digital. Para que se possa usufruir destas facilidades tecnológicas com autonomia e aptidão, é preciso dominar as práticas tradicionais de comunicação e transmissão dos saberes. Entender como a informação era utilizada antes pode auxiliar em como utiliza-la efetivamente agora.

Portanto, apresenta-se a seguir breves reflexões e descrições acerca do desenvolvimento das tecnologias, começando nesta seção com a palavra falada, e seguindo na próxima seção com as revoluções Industrial e Informacional.

1.2 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E INFORMACIONAL

A evolução do uso da informação depende das necessidades atribuídas a uma forma de convivência em sociedade. Com as mudanças sociais e tecnológicas surgem novas maneiras de utilizar a informação. Com as mudanças sociais se acirrando, a estrutura comunicativa se altera proporcionalmente, para acomodar o novo capital de conhecimento atribuído ao novo contexto social.

No final do século XVIII iniciou-se um processo que ficou conhecido como “Revolução Industrial”, que se estendeu até o final do século XIX e foi separado por estudiosos em duas partes principais: a Primeira Revolução Industrial, caracterizada pelo desenvolvimento e introdução de novas tecnologias como a máquina a vapor e a fiadeira, e pela substituição das ferramentas manuais e do artesanato pelas máquinas e produção em massa.

A segunda parte, conhecida como “Segunda Revolução Industrial”, começando no final do século XIX, caracterizou-se pelo desenvolvimento da eletricidade, motores de combustão interna, produtos químicos com base científica e o início das tecnologias da comunicação, com a difusão do telégrafo e a invenção do telefone. Essas revoluções são indicadas pelos historiadores como os principais

fatores para a rápida ascensão do Ocidente - principalmente da Inglaterra, berço das revoluções, dos países da América do Norte, e da Austrália - resultado da superioridade tecnológica alcançada durante as duas revoluções (CASTELLS, 2016).

As Revoluções Industriais trouxeram consigo um novo modo de trabalho e novos valores para a vida em sociedade. Antes de 1760 o mundo europeu era, em sua maioria insuperável, rural. Havia na Europa apenas duas “grandes” cidades – Paris e Londres – e as outras cidades existentes eram províncias que, mesmo sendo “cidades”, tiravam seu sustento das atividades rurais. A circulação de informações era precária e as principais fontes de informações estavam sob o encargo de viajantes, mascates, andarilhos e soldados (HOBSBAWM, 2010). Estes seriam, numa alusão a obra *O Narrador*, de Walter Benjamin (1985), a representação arcaica do narrador viajante, que trazia para a casa o saber das terras distantes. Para Benjamin um outro tipo de narrador seria o mestre sedentário, artesão, que transmitia o saber do passado.

O artesanato era o modo de manufatura existente e cada objeto construído era feito individualmente pelo artesão ou por seus aprendizes do começo ao fim, garantindo que cada peça seria única, possuindo traços característicos do trabalho de seu criador que era capaz de reconhecer e de se identificar com o que produzia.

Com o advento das fábricas e de seu sistema de produção em massa com as linhas de montagem, estas características de um trabalho artesanal marcado por uma identidade específica e única, deixam de existir. Isso ocorre porque nesta nova lógica produtiva cada trabalhador seria responsável por uma parte pequena da produção – apertar um parafuso, colocar um botão – e ao final o mesmo era incapaz de reconhecer o produto que produziu como seu trabalho em virtude dessa relação fragmentada com o produto de seu trabalho.

A indústria algodoeira teve grande participação no desenvolvimento da primeira revolução industrial, em virtude do comércio colonial que estava firmemente consolidado na época. Uma indústria que por sua vez sustentava e era sustentada pela escravidão. A “indústria algodoeira” foi a principal fonte de exportação do mercado britânico, conseguindo superar o mercado indiano por meio do barateamento do produto em relação aos finos e elegantes tecidos das Índias. Além disso, a indústria britânica conseguiu consolidar um grande monopólio nas Américas,

na África e na Ásia, tendo ao seu lado guerras, revoluções e seu próprio controle imperial (HOBSBAWM, 2010).

O sucesso do mercado de exportação e as enormes possibilidades alcançadas pelo mercado de algodão foram decisivos para a ascensão da industrialização, garantindo que muitos empresários aderissem às fábricas como uma aposta para o futuro. Além disso era possível com pouco dinheiro usufruir das novas tecnologias criadas no período – principalmente a fiadeira, o tear, e outras ligadas à indústria têxtil - com um custo acessível o suficiente para não serem um grande risco para aqueles que desejassem se aventurar nos novos meios de produção (HOBSBAWM, 2010).

Castells (1999) fala sobre como essas revoluções transformaram países como a Inglaterra e os países da Europa Ocidental nas grandes potências mundiais, impulsionadas pelo enorme ganho econômico adquirido com o rápido desenvolvimento das tecnologias ligadas à produção. Segundo Castells, as revoluções industriais

foram, de fato, “revoluções” no sentido de que um grande aumento repentino e inesperado de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição, criou uma enxurrada de novos produtos e mudou de maneira decisiva a localização das riquezas e do poder no mundo, que, de repente, ficaram ao alcance dos países e elites capazes de comandar o novo sistema tecnológico (CASTELLS, 2016, p. 71).

Assim, as grandes potências que se desenvolveram neste período foram resultado das inovações tecnológicas que conseguiram desenvolver e da capacidade de se adaptar às mudanças sociais impostas pela crescente industrialização da Europa, com a Inglaterra como líder. Essas mudanças trouxeram a necessidade de capacitação da população, que anteriormente tinha como ofício a agricultura e o artesanato e, portanto, dominavam práticas e saberes específicos destas áreas, além de trabalharem de maneira artesanal. Este novo cenário, de transformação do trabalho artesanal para o trabalho industrial com a manipulação das máquinas e o domínio de novas técnicas de produção, trouxe consigo a necessidade de uma formação técnica para estes novos trabalhadores. Dessa maneira surgem as primeiras discussões sobre a criação de um currículo

educacional voltado para uma formação, sobretudo técnica, em detrimento de uma formação social, política e crítica.

Em 1918 surgiu, nos Estados Unidos, o conceito de currículo. Ligados diretamente à formação dos cidadãos, o currículo é formulado para atender as demandas consideradas necessárias. Considerando a lógica estabelecida nas Revoluções Industriais, a formação de pessoas para a manipulação de máquinas garantiu a transformação curricular nas bases do ensino técnico. Segundo Silva

quais os objetivos da educação escolarizada: formar o trabalhador especializado ou proporcionar uma educação geral, acadêmica à população? O que se deve ensinar: habilidades básicas de escrever, ler e contar; as disciplinas acadêmicas humanísticas; as disciplinas científicas; as habilidades práticas necessárias para as ocupações profissionais? Quais as fontes principais do conhecimento a ser ensinado: o conhecimento acadêmico; as disciplinas científicas; os saberes profissionais do mundo ocupacional adulto? O que deve estar no centro do ensino: os saberes “objetivos” do conhecimento organizado ou as percepções e as experiências “subjetivas” das crianças e dos jovens? Em termos sociais quais devem ser as finalidades da educação: ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la; a preparação para a economia ou a preparação para a democracia? (SILVA, 2010, p. 22).

Da Teoria Tradicional do Currículo às Teorias Pós-Críticas, as ênfases nos conceitos, interesses e objetivos de formações variam bastante e refletem os modos como a sociedade se organizou e se organiza em torno de questões fundamentais como a Educação e o Trabalho em contextos históricos diferentes: da Revolução Industrial à Revolução Informacional.

As Revoluções Industriais criaram novos modos de trabalho e desta maneira mudaram as dinâmicas sociais, rompendo com as tradições sociais presentes na Grã-Bretanha por gerações. A pobreza nas regiões rurais aumentou exponencialmente, devido às leis de proteção a agricultura sendo derrubadas e o novo modelo capitalista instaurado com as fábricas, obrigando a população rural a abandonar o campo e aventurar-se nas cidades, para procurar, assim, fugir da crescente miséria que assolava estas regiões. Isso fornecia as fábricas mão de obra barata, mas não qualificada ou adaptada para a nova rotina de trabalho, que exigia um expediente ininterrupto por uma quantidade absurda de tempo, diferente da rotina no campo que era definida pelas estações do ano e períodos de colheita, ou do artesão independente, que tinha seu ritmo de trabalho autorregulado.

Para evitar que o operariado trabalhasse apenas o suficiente para ganhar o salário mensal foram criadas medidas que beneficiavam o empregador, como a

aplicação de multas. Além disso, em uma abordagem mais direta, os empregadores começaram a pagar seus funcionários salários tão baixos que eles eram obrigados a trabalhar sem descanso para ter o mínimo necessário para sobreviver. Outra medida tomada pelos donos de fábricas era a preferência por empregar mulheres e crianças, consideradas mais obedientes e baratas (HOBBSAWM, 2010, p. 92).

As Revoluções Industriais transformaram a Europa em uma região cada vez mais urbana, abandonando os meios rurais que eram comuns até então. Como o trabalho nas fábricas e a manipulação das máquinas era uma novidade para o operariado, que até aquele momento eram guiados por conhecimentos transmitidos por gerações que viviam no campo, conhecimentos que estavam relacionados à agricultura ou à manufatura, o uso e a obtenção da informação também se modificou. Agora, o objetivo era a manipulação eficiente dos novos maquinários, para que o rendimento do trabalho nas fábricas fosse o maior possível. Assim sendo, a informação tinha caráter imediatista e técnico – se tratava da manipulação de maquinários a partir de manuais – e o ensino formal refletiu isso.

Com o passar do tempo, o rápido crescimento tecnológico e a urbanização acelerada permitiram o desenvolvimento cada vez maior das tecnologias da comunicação, como o telégrafo e o surgimento do telefone. Meios cada vez mais eficientes de comunicação foram sendo desenvolvidos e a necessidade de rapidez na obtenção de informações foi crescendo no mesmo ritmo. Assim, o foco do desenvolvimento tecnológico começou a caminhar constantemente para o desdobramento da manipulação e circulação eficiente de informações, o que acabou iniciando outra grande revolução, conhecida como “Revolução Informacional”.

A Revolução Informacional, também chamada de terceira revolução, pode ser considerada uma revolução tecnológica que segue a Revolução Industrial, sendo considerada ainda como anúncio e potencialização de uma nova civilização (LOJKINE, 1999, p. 11).

Segundo Lojkine (1999, p. 14), a transferência para as máquinas de abstrações e outras atividades cerebrais está no centro do que seria a Revolução Informacional, que teve como consequência a deslocação do trabalho humano da manipulação da informação, para o tratamento. Ou seja, nesse cenário que começou a se constituir no século XX a informação aparece em primeiro plano nas formas de trabalho e até de interação humana presente na sociedade atual, sendo a internet a melhor representação disso. Mas, assim como na Revolução Industrial, esse avanço

tem como principal característica e objetivo o progresso e desenvolvimento econômico.

A Internet é uma das invenções mais marcantes do último século, sendo o anúncio concreto da Era da Informação, e sua maior personificação. O protótipo da rede foi um sistema de comunicação criado em função da Segunda Guerra Mundial, tendo como objetivo a criação de uma forma de comunicação que não seria afetada por ataques nucleares. Deste sistema foi desenvolvido a ARPANET, inaugurada em 1º de setembro de 1969 e contando apenas com alguns “nós” – pontos de comunicação – presentes em algumas universidades e centros de pesquisa ligados ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Após a inauguração da Arpanet, havia se tornado difícil separar as pesquisas militares, as comunicações científicas e as comunicações pessoais: os cientistas com acesso à ARPANET começaram a utilizar a nova tecnologia para fins próprios, chegando até a montar uma espécie de “fórum” arcaico focado em ficção científica. Isso ocasionou a abertura da rede para cientistas de todas as áreas e, posteriormente, a separação da rede em duas: uma para uso científico, a ARPANET em si, e outra para uso militar, a MILFNET.

Depois ainda mais duas redes foram criadas: a CSNET, pela National Science Foundation (Fundação Nacional de Ciência), e a BITNET, criada para acadêmicos não-científicos em colaboração com a IBM. No entanto, mesmo com as diferentes especificações e as separações impostas, todas as redes tinham a ARPANET como cerne e acabaram se unindo em uma “rede das redes” na década de 1980, nomeada inicialmente ARPA-INTERNET e posteriormente, Internet (CASTELLS, 2016, p. 82 – 83).

A internet assim acaba se configurando em um novo meio de informação, se popularizando rapidamente e sendo amplamente aperfeiçoada para atender as necessidades de todos os tipos de público. Atualmente, ela se tornou um dos principais meios de comunicação e informação disponíveis, capaz de divulgar informações com uma velocidade espantosa para uma enorme quantidade de pessoas. Isso acarretou em mudanças nas estruturas da informação em si, que passaram a ser percebidas, consumidas e disseminadas de maneiras bem diferentes do que ocorria previamente. Segundo McLuhan

numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem (MCLUHAN, 1964, p. 21).

O que podemos pensar a partir da citação acima é que, mais do que apenas o veículo pelo qual a mensagem é transmitida, o meio é também parte essencial na construção de sentido. No fim das contas é impossível desassociar a mensagem do meio que a transporta, e a mesma mensagem em diferentes suportes acabará constituindo diferentes interpretações. Assim sendo, a existência da internet transformou nosso meio de interagir e perceber as informações. A informação na era da internet é construída de maneira dinâmica, com hiperlinks, imagens, vídeos, comentários e afins sendo utilizados simultaneamente na transmissão das mensagens.

Na internet, as diversas referências que poderiam ser utilizadas para melhor entendimento de um artigo ou informação estão normalmente intrínsecas no texto, com ampla presença de links externos, vídeos e outras interações que, por estarem tão interligadas no contexto digital, acabam fazendo parte permanente daquela mensagem. Este tipo de formato é chamado de hipertexto que, segundo Snyder (*apud* XAVIER, 2002, p. 25) se designa como

um *medium* de informação que existe apenas on-line num computador. É uma estrutura composta de blocos de textos conectados por nexos (links) eletrônicos que oferecem diferentes caminhos para os usuários. O Hipertexto providencia um meio de arranjar a informação de uma maneira não-linear; tendo o computador como o automatizador das ligações de uma peça de informação com outra. Quando a estrutura hipertextual acomoda não apenas texto impresso, mas também sons digitalizados, gráficos, animações e realidade virtual, é também designado como hipermídia ou multimídia (SNYDER *apud* XAVIER, 2002, p. 25).

Outra parte importante da existência da informação na internet é o fato de que a criação e disseminação da mesma não estão mais centralizadas na mão de poucos agentes, e sim espalhadas por toda a rede. Todo usuário da internet é, imediatamente, um possível agente de criação de conteúdo, seja por meio de pequenas ações – comentar uma postagem em um site, compartilhar uma notícia – ou por meios mais complexos – criar e gerenciar um blog, postar um vídeo, um podcast, etc. A possibilidade de criação e transmissão de informações na internet

não possui barreiras definidas, apresentando assim uma intrincada teia de criação, divulgação e validação de informações, com todas as ações da cadeia sendo realizadas potencialmente por todos os membros dela. McLuhan teorizava um cenário semelhante, com a ideia de que "a dispersão da informação está criando uma nova estrutura de poder cujos 'centros estão em todos os lugares e as margens, em lugar nenhum'" (LEVINSON, 2004, p. 7). Com base nisso pode-se dizer que, com essa dissolução do poder informativo, cada indivíduo se torna implicitamente responsável por informar, se manter informado, e fiscalizar a informação.

1.3 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Fritz Machlup foi o primeiro a utilizar o termo "Sociedade da Informação", publicando um livro chamado "A Produção e distribuição do conhecimento nos Estados Unidos" (The Production and Distribution of Knowledge in the United States), em 1962. Contudo, o termo começou a ser propriamente definido com a produção de Peter Drucker "Uma era de descontinuidade", lançado originalmente em 1966, onde ele fala sobre uma sociedade pós-industrial (CRAWFORD, 1983).

Castells (2016, p. 77) diz que o Brasil e outros países podem ser considerados sociedades informacionais porque

os principais processos de geração de conhecimento, produtividade econômica, poder político/militar e a comunicação via mídia já estão profundamente transformados pelo paradigma informacional e conectados às redes globais de riqueza, poder e símbolos que funcionam sob essa lógica (CASTELLS, 2016, p. 77).

Assim, a Sociedade da Informação pode ser definida como uma sociedade onde todos os aspectos sociais, econômicos e produtivos giram em torno da informação e da conexão de redes.

Em virtude do avanço tecnológico, impulsionado pelas evoluções alcançadas durante as revoluções industriais e a maneira como elas reformularam a forma como lidamos com a sociedade, a informação e o trabalho, surgiu aquilo que hoje conhecemos como a Sociedade da Informação.

A sociedade da informação possui a informação como principal matéria prima e é pautada essencialmente em torno da tecnologia, que permeia todos os campos

da vida, individual ou coletiva, e por isso são afetadas pelas novas tecnologias (WERTHEIN, 2000, p. 72). Assim, a maior característica da Sociedade da Informação é a forma com a qual lidamos com as tecnologias da informação e comunicação – TIC's. Atualmente, mais do que apenas ferramentas utilizadas para uma tarefa específica, tais tecnologias tomaram conta de todas as áreas do mundo contemporâneo, sendo inclusive consideradas como extensões do cérebro humano. Se desenvolvendo dentro do cosmo da Internet, surgiu a chama Web 2.0, que transformou o mundo online no que conhecemos hoje. Segundo Primo (2007, p. 2)

a Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo (PRIMO, 2007, p. 2).

Antes, funções que são consideradas básicas da internet - como a integração entre plataformas e sites, criação e compartilhamento de conteúdo, entre outros – são ferramentas que configuram a Web 2.0. Pode-se dizer então que a Web 2.0 é a “cara” da internet atualmente, mesmo sendo uma evolução relativamente recente do sistema.

A evolução do “mundo online” para a Web 2.0 pode ser considerada o impulso que tirou os usuários de computador dos sistemas off-line de programas e aplicativos que exigiam a instalação na máquina para serem acessados, tornando o acesso às ferramentas mais objetivo e descompromissado. É avaliado que neste novo modelo, a web funciona como a plataforma, sendo o conteúdo o importante, seja ele em texto, imagem, vídeo, etc. O principal é opinar, participar e produzir com a comunidade. O usuário possui o poder, sendo ele dividido entre todos os membros da comunidade online (LEMOS, 2008, p. 656). A web 2.0 é, antes de qualquer coisa, um sistema cooperativo de criação e disseminação de dados, no qual todos os usuários têm igual poder de construção, o que ao mesmo tempo agrega e destrói sentidos dentro das diversas redes informacionais digitais.

Os avanços tecnológicos ligados à informação são o centro da Sociedade da Informação, mas o que a move são fatores econômicos e de mercado. De acordo com Demo (2000, p. 38) “ao falarmos de sociedade da informação ou do conhecimento é fundamental não perder de vista seu contexto econômico, para não

supervalorizarmos o aspecto tecnológico, como se a face do progresso fosse a única”.

O trabalho intelectual substituiu a mão de obra, assim como esta substituiu o artesanato, mas isso não significa que a situação da classe conhecida como “operariado” melhorou. A lacuna entre aqueles que assumem cargos de liderança e os que trabalham nos cargos operários aumentou exponencialmente, pois o conhecimento de como manipular as novas tecnologias e a informação é exigente, especialmente em um contexto em que não há uma preocupação com a formação básica da população. Embora grande parte das pessoas tenha relativo contato com essas tecnologias, estes indivíduos possuem um conhecimento escasso sobre sua utilização, sabendo muitas vezes executar apenas operações simples e tendo contato com informações em plataformas que colocam o material construído com seriedade e o sensacionalismo em patamares próximos.

Não existe preparo desta população para utilização destas tecnologias, acarretando em um uso superficial. As principais plataformas utilizadas atualmente são as chamadas mídias sociais.

As mídias sociais ganharam enorme espaço nos últimos anos, sendo as principais plataformas digitais utilizadas por milhares de brasileiros. O que torna essas mídias tão populares é o senso de “comunidade” presente dentro delas. Uma pessoa pode interagir com usuários do mundo inteiro, discutindo ideias, comentando algum evento e/ou construindo relacionamentos. Recuero (2011, p. 1) afirma que

mídia social, assim, é social porque permite a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores. Ela é diferente porque permite essas ações de forma individual e numa escala enorme. Ela é diretamente relacionada à Internet por conta da expressiva mudança que a rede proporcionou (RECUERO, 2011, p. 1).

Exemplos dessas mídias sociais são o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, amplamente usados no Brasil. No caso do *Facebook*, seus usuários tendem a utilizá-lo como fonte primária de informação, lendo, compartilhando e discutindo notícias - tudo no microcosmo formado pelos indivíduos nesta plataforma. Esse complexo espaço virtual é conhecido como ciberespaço.

O conceito de ciberespaço foi criado por Willian Gibson em seu livro de ficção científica *Neuromancer*, em 1984 (MONTEIRO, 2007). Nele, Gibson define o conceito como

uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando... (GIBSON, 2013, p. 50).

Lévy (2010, p. 94) define ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” A internet é entendida como a principal encarnação deste conceito, abrangendo desde a noção literária criada por Gibson, como a tecnológica definida por Lévy. Apesar de se tratar de uma abstração da realidade, a internet conectou o mundo de maneira profunda, sendo indiscernível o mundo cibernético da vida no espaço físico. Por isso, é preciso tratar o espaço digital não como um universo separado, mas como uma extensão do mundo real, que influencia profundamente a sociedade.

1.4 A COMUNIDADE DIGITAL: SOLIDÃO, ANSIEDADE INFORMACIONAL E EXCESSO DE INFORMAÇÃO

Como dito anteriormente, uma das características principais da web 2.0 é a sua facilidade de utilização para a criação, disseminação e acesso a informações de toda natureza. Por conta desta facilidade, o volume de informações circulando aumentou exponencialmente. Esta enorme quantidade de informações disponível pode gerar inquietação, pois acaba causando uma sensação constante de estar perdendo alguma coisa e, em uma sociedade tão atrelada à informação, não estar a par de um assunto pode produzir um sentimento de estar sendo deixado de lado. O termo “*Fear of missing out*” – FoMO (medo de estar perdendo algo) pode ser usado para descrever esta sensação. De acordo com Can e Satıcı (2019, p. 1)

FoMO é um tipo de ansiedade social (Dossey, 2014) causado pela preocupação de que outros talvez estejam vivendo mais satisfatoriamente. FoMO é definido como ‘uma apreensão penetrante que outros podem estar tendo experiências mais recompensadoras das quais o sujeito não faz parte’ e ‘um desejo de estar constantemente conectado com o que outros estão fazendo’ (Przybylski, Murayama, DeHaan, & Gladwell, 2013, p. 1841). De

acordo com outra definição sugerida por JWT Intelligence (2011), FoMO é “sentimento de inquietação algumas vezes arrebatador de que você está perdendo algo – que seus semelhantes estão fazendo, sabendo ou possuindo mais ou algo melhor do que você está’ (CAN; SATICI; 2019, p. 1). (tradução da autora)

Este termo passou a ser associado recentemente com o uso das redes sociais. Pessoas com FoMO tendem a passar grande quantidade de tempo em redes sociais, observando aquilo que seus amigos estão fazendo, prendendo-se em um loop. As mídias sociais permitem visualizar rapidamente as experiências de outros indivíduos e postar suas próprias atualizações em retorno, podendo garantir uma sensação de autonomia e competência, uso que pode ser relacionado com o aumento da infelicidade e baixa autoestima (PRZYBYLSKI et al, 2013). Um exemplo de interação relacionada a este “medo” é o modo de consumo de mídias de entretenimento, que com a ascensão do *streaming*¹ e o lançamento de inúmeras mídias simultaneamente, combinadas com a ampla discussão das mesmas em mídias sociais como o *twitter* e o *facebook*, geram a necessidade psicológica de consumir estas obras o mais rápido possível, para poder participar do “evento” gerado pelos usuários ao redor desses meios de entretenimento antes que a excitação com a novidade acabe e os ânimos esfriem, deixando aqueles que “se atrasarem” sentindo como se tivessem perdido algo importante. FoMO é, normalmente, diretamente ligado com as interações sociais do indivíduo. A necessidade não é apenas de consumir e experienciar, mas de poder mostrar a outros que se está consumindo e experienciando aquilo. A experiência em si é só meio caminho.

Apesar do novo uso relacionado à indústria do entretenimento, também é possível relacionar FoMO com outras formas de informação. Várias pesquisas foram feitas sobre o tema, muitas associando este “medo de estar perdendo algo” com intenso uso de mídias sociais, ansiedade, uso exagerado e/ou vício em celulares, baixa autoestima, depressão, entre outros (CAN; SATICI, 2019).

Também relacionado com a distribuição de informação atualmente, temos a “Ansiedade Informacional”. Segundo Richard S. Wurman, que cunhou o termo em 1991, a

¹ *Streaming* é uma forma de distribuição de multimídia, caracterizado pela transmissão digital de conteúdos. A *Netflix* e o *Spotify* são exemplos de serviços de *streaming*

ansiedade da informação é o resultado cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento, e ocorre quando a informação não nos diz o que queremos ou precisamos saber. [...] Também sofremos de ansiedade causada pelo que deveríamos saber para atender às expectativas das outras pessoas a nosso respeito, sejam elas o presidente da empresa, os colegas ou até nossos pais (WURMAN, 1991, p. 38).

Parecido com o “Medo de estar perdendo algo”, Ansiedade Informacional é a inquietação provocada pela pressão, normalmente auto imposta, de estar a par de todos os temas circulando, sentindo a necessidade constante de estar “informado”, de ter conhecimento de todos os tópicos comentados - ao mesmo tempo em que entende que é virtualmente impossível ter conhecimento de tudo o que está circulando. A Ansiedade Informacional causa a sensação de que o mundo está acontecendo enquanto você não está olhando sempre que se desconecta.

A mente humana está sendo forçada ao máximo para fazer sentido do mundo moderno, e isso está afetando a saúde mental da população. Como consequência deste bombardeio informacional, a ansiedade, o estresse, a fadiga, e outros já se tornaram o estado normal dos indivíduos da sociedade da informação. O FoMO e a Ansiedade Informacional são distúrbios conectados diretamente ao modo de vida estabelecido atualmente, com o estresse e cansaço mental ocasionados pela abundância de informações recebidas diariamente e a ainda maior carga de informações que não é absorvida. O tempo disponível para leitura, compreensão e armazenamento de informações diminui na mesma velocidade que a quantidade de informações disponíveis cresce, construindo um cenário no qual o receptor – que, com o advento da web 2.0, também foi incumbido da criação e disseminação – sente-se constantemente sobrecarregado. Segundo Wurman (apud OLIVEIRA, 2011. p. 34),

a ansiedade de informação resulta da superestimulação constante, quando não nos é dado tempo ou oportunidade de fazer transações de uma ideia para outra. Ninguém funciona bem se ficar sem fôlego o tempo todo. O aprendizado e o interesse requerem intervalos de pausa para refletir antes de avançar para a ideia seguinte (WURMAN *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 34).

Para Weil (2000) outros dois termos relacionados a este super-estímulo desenvolvido em consequência da ascensão da informática e das tecnologias da informação e conhecimento são a informatose e o cibernose. A Informatose seriam “os distúrbios ou mesmo doenças causadas por excesso de fluxo de mensagens

informativas em relação a um só receptor, isto é, uma só pessoa” (WEIL, 2000, p. 62). Já o Cibernose, termo criado pelo psicossociólogo francês Van Bockstaele, “para designar nós de estrangulamento nas comunicações [...], situações de perturbação de comunicações, com efeitos patogênicos sobre o sistema nervoso, ou funções mentais, causados na sua maioria pelo uso de aparelhos cibernéticos” (WEIL, 2000, p. 62). As consequências relacionadas aos cenários descritos por esses termos são isolamento e neurose virtual, onde o indivíduo absorve uma vida virtual ao invés da real, além de frustrações ligadas à vida social (OLIVEIRA, 2011).

O bombardeio do cérebro com tantas informações, que muitas vezes podem nem mesmo ser do interesse do indivíduo, afeta também a maneira como entendemos o mundo. De acordo com Wurman

nossos canais de percepção estão entrando em curto-circuito. Possuímos uma capacidade limitada de transmitir e processar imagens, o que significa que nossa percepção do mundo é inevitavelmente distorcida por ser seletiva; não podemos notar tudo. E quanto mais imagens tivermos de defrontar, tanto mais distorcida será nossa visão de mundo (WURMAN, 1991, p. 41).

A grande carga de informações recebidas acaba se configurando em uma barreira para a compreensão: não há tempo, nem energia o suficiente para análise de todas as discrepâncias e opiniões diferentes, mesmo desconsiderando o agravante das *Fake News*. As tecnologias da informação e comunicação evoluíram em um ritmo vertiginoso, deixando as demais áreas para trás, não preparando os cidadãos para lidar com as novidades. Nas palavras de Saramago,

A superabundância de informação pode fazer do cidadão um ser muito mais ignorante. Explico-me: creio que as possibilidades tecnológicas para desenvolver a massificação das informações surgiram rapidamente demais. O cidadão não dispõe dos elementos e da formação adequados para saber escolher e selecionar, o que o leva a ficar perdido no meio dessa selva. É justamente nessa defasagem que se produz a instrumentalização em prejuízo do indivíduo e, portanto, a desinformação (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 287).

Uma das razões para que, em uma sociedade com o acesso à informação relativamente fácil, ainda exista tanta desinformação, é que o balanço atual entre educação, informação e tempo, não se correspondem. De acordo com Barreto (2005, p. 118)

a sociedade pós-moderna, ao trazer uma noção de tempo atrelada à velocidade e à simultaneidade, cria rupturas nas formas do tempo e nas

formas anteriores de ser, o que incide no tempo da leitura, no acesso à informação, na maneira de conviver e de construir a significação. [...] Nos novos modos de informar, aparecem ao mesmo tempo, numa mesma tela de computador, vários assuntos - é possível "linkar" -, o que faz com que o tempo da leitura acompanhe a velocidade exigida para as decisões rápidas e imediatistas da vida pós-moderna (BARRETO, 2005, p. 118).

O tempo dedicado ao entendimento de cada assunto é curto, atrapalhando a construção de sentido do que está sendo lido, além da própria leitura ser feita de maneira fragmentada. Os diversos links normalmente presentes em textos da internet, são ao mesmo tempo boas fontes para entendimento contextual do assunto, como causam distrações, muitas vezes desviando o leitor para informações desnecessárias que atrapalham a compreensão do texto em sua integridade. Desta maneira, a informação principal acaba perdida no meio de diversos outros artigos, mesmo que estes pudessem ter sido úteis, pois o tempo dedicado a cada um, individualmente, é mínima.

Considerando o despreparo dos cidadãos em um nível educacional, que tende a focar em técnicas utilizáveis em um contexto trabalhista – resultado direto da revolução industrial – e o estilo de vida agitado assumido por grande parte da população, a grande quantidade de informações disponíveis e recebidas diariamente acaba configurando-se como um empecilho para o entendimento e apreensão do que se lê na internet. Assim, o excesso de informação acaba contribuindo para a perpetuação da desinformação.

2 A ERA DA INTERNET E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

O trabalho do profissional bibliotecário gira em torno da informação. Seja em seu processamento, classificação, localização ou mediação, a biblioteconomia se relaciona profundamente com este produto.

É possível observar, nos tempos atuais, grandes transformações na sociedade – no trabalho, nos relacionamentos, na educação, na saúde, na pesquisa, dentre outros – resultantes de um novo panorama tecnológico e informacional. Hoje percebe-se que aqueles que possuem acesso à informação de qualidade, sejam pessoas, empresas ou nações, estão em lugar de privilégio e em muitos casos de controle em relação àqueles que vivem de maneira excluída nesta Sociedade da Informação. Esta exclusão ocorre não somente pela falta de acesso à informação,

mas principalmente pelo acesso excessivo à desinformação, já que nem sempre e nem todas as pessoas conseguem fazer um uso capacitado quando se trata de informação e conhecimento na Internet.

De acordo com Browning *apud* Cunha (2003, p. 41) esta é a “era das bibliotecas sem paredes para livros sem páginas”. Ao contrário das bibliotecas medievais, onde o acesso aos livros era restrito, permitido apenas para o bibliotecário e um grupo seleto de pessoas, a informação moderna é de criação e acesso livre para todos. Gorman diz que

a rede é como uma imensa biblioteca vandalizada. Alguém destruiu o catálogo e removeu capas, índices, etc. de centenas e milhares de livros, rasgou-os e espalhou o que sobrou... A rede é ainda pior que uma biblioteca vandalizada porque milhares de fragmentos desorganizados são adicionados diariamente pelos milhões de excêntricos, sábios e pessoas com tempo em suas mãos e que lançam suas mensagens sem filtro no ciberespaço (MORROGH *apud* ALVES, 2011, p. 96).

Para Renisk (2014, p. 1), “a biblioteca do século XXI é uma oficina comunitária, um espaço cheio de ferramentas de economia do conhecimento”. Perroti e Verdini (2008, p. 16), descrevem a biblioteca como uma Estação do Conhecimento, um conceito que “integra num mesmo e dinâmico objeto os campos da Educação e da Cultura, articulando bens e processos simbólicos de diferentes espécies e naturezas a experiências educacionais demandadas não só, mas especialmente e com urgência, pela *era da informação*”.

2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

O profissional bibliotecário tem como principal ferramenta de trabalho a informação. Na chamada Sociedade da Informação, o principal trabalho da biblioteca e do bibliotecário é capacitar indivíduos para a utilização de informações, tornando-o cada vez mais independente e crítico diante do mar de notícias, vídeos, artigos e outros recursos que fazem parte deste ciberespaço proporcionado pela internet. Somos nós, profissionais da informação e mediadores do conhecimento que podemos tornar mais exitosa esta experiência informacional, permitindo que o usuário identifique com a maior criticidade possível, o que pode ou não ser considerado “seguro”. Assim, uma das principais atividades do (a) bibliotecário (a),

atualmente, é a “mediação da informação”. Segundo Almeida Junior (apud SALCEDO, SILVA, 2017, p. 25) mediação da informação é

toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JUNIOR *apud* SALCEDO; SILVA, 2017, p. 25).

Desse modo, a mediação da informação consiste em guiar o usuário até a informação que necessita, de modo a satisfazer suas demandas informacionais. Isso nem sempre é fácil, principalmente quando estamos lidando com um público diverso, como é o caso de uma biblioteca pública. Muitas vezes o próprio usuário não possui uma visão clara de qual é sua necessidade informacional, tornando o trabalho do bibliotecário mais desafiador e, ao mesmo tempo, mais importante. A mediação da informação não só é uma missão fundamental do trabalho do profissional bibliotecário, como deve estar presente em todas as outras ações realizadas dentro das unidades informacionais, incluindo os processos técnicos (SALCEDO, SILVA, 2017). Como afirma Cunha (2003, p. 44),

neste sentido, nosso papel como profissionais é fornecer a informação certa, no momento certo para a pessoa certa. Isto significa dar aos cidadãos informações sobre os seus direitos e deveres, aos estudantes informações que possibilitem a realização de suas pesquisas, que esclareçam dúvidas, que despertem a curiosidade. É bom lembrar que as necessidades de informação das pessoas são dinâmicas, estão em mutação constante. Elas variam com o tempo, conforme as atividades exercidas e os interesses de cada pessoa em um determinado momento (CUNHA, 2003, p. 44).

Para isso, é necessário ter conhecimento do acervo da unidade de informação, do público que utiliza esta informação e das novas tecnologias. A produção e disponibilização de informações diversas acontecem de maneira cada vez mais democrática na sociedade contemporânea. Nunca foi tão fácil acessar e produzir conteúdo como na era da internet, sendo este um fator positivo e negativo ao mesmo tempo. Do mesmo modo que a informação se tornou mais democrática, também se tornou mais fácil espalhar boatos e sensacionalismos, seja por ignorância no assunto em questão, seja por malícia.

Deste modo, ter a competência ²necessária para identificar a veracidade daquilo que é localizado nos espaços cibernéticos é de extrema necessidade para garantir o compartilhamento positivo do conhecimento, e garantir uma população mais informada e ciente de seus deveres e direitos como cidadãos. De acordo com Cunha (2003. p. 43),

é necessário não esquecer que o mais importante não é a quantidade de informação disponível, e sim a sua qualidade. Esta qualidade significa informações íntegras, atualizadas, precisas e no tempo certo para a tomada de decisões. Dispor informações com qualidade pressupõe inteligência, ou seja, habilidade para transformar a imensa massa de dados das organizações em informações consistentes, isto é, com valor agregado (CUNHA, 2003, p.43).

Essa competência se dá, não somente na lida com os recursos que as novas tecnologias da informação e da comunicação oferecem. Antes de saber onde pesquisar, como navegar, antes de conhecer todas as ferramentas, aplicativos e plataformas, precisamos aprimorar nossa capacidade crítica de ler e interpretar as informações. Uma biblioteca dotada de recursos tecnológicos diversos, torna-se incompleta se não elabora estratégias, políticas e ações direcionadas para uma formação cultural, política e social que permita aos seus frequentadores uma experiência completa com a informação e a produção de conhecimento e conteúdo.

O acesso à informação, pulando as etapas de formação, arca em uma leitura que não captura todos os significados, contextos e interpretações de um conteúdo. É importante a construção de repertórios, que são desenvolvidos através da leitura, tanto da palavra quanto do mundo. O estabelecimento de ligações contextuais e mais importante, o estabelecimento da noção de que toda informação precisa estar acompanhada de seu contexto para a sua plena interpretação é essencial para a construção de indivíduos mais versados na compreensão do universo cultural e social, para utilização e apropriação eficaz das leituras absoldidas.

E o papel do bibliotecário na Sociedade da Informação é auxiliar na busca e seleção de dados espalhados pelas inúmeras plataformas que agora coexistem na internet. Fontes como livros, enciclopédias, jornais, televisão, entre outros, não ocupam mais a posição de fonte principal de pesquisa. Agora, estes suportes dividem espaço com blogs, canais de youtube, mídias sociais e diversas outras.

² Competência é definido como a aptidão que um indivíduo tem de opinar sobre um assunto e sobre o qual é versado (MICHAELIS, 2019).

Entretanto, enquanto estes suportes clássicos possuíam um rigor maior em questão checagem do conteúdo publicado, os meios cibernéticos são autocontrolados, ou seja, as informações são postadas sem necessidade de qualquer avaliação, e são os próprios usuários que apontam impostura ou excessos, no caso de conseguirem identificá-los. E por isso, o bibliotecário não pode prender-se ao livro físico ou ao espaço biblioteca, agindo como se o mundo da internet não lhe dissesse respeito. Como mediador da informação, o profissional precisa tornar-se capaz de navegar por este novo mundo com competência, para desta maneira guiar outros. Seja em livros físicos em uma biblioteca ou em blogs na internet, “nosso papel como profissionais é fornecer a informação certa, no momento certo para a pessoa certa.” (CUNHA. 2003. p. 44)

2.2 O COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Considerando este papel de mediador do profissional bibliotecário, é preciso ter ciência da maneira como as informações, principalmente as inverídicas e manipuladas, circulam nos espaços de comunicação e informação de hoje. Com isso em mente, esta seção tratará dos principais amplificadores da desinformação nos espaços digitais.

Wardle (2017) define pelo menos sete tipos de desinformação que tem circulado nos meios de comunicação, em especial nas mídias sociais, sendo estes: a sátira ou paródia, onde não há a intenção de causar mal, mas podem enganar os usuários desavisados; a informação enganosa (*Misleading Information*), onde ocorre o uso arbitrário da informação com o intento de enquadrar um assunto ou indivíduo de uma certa maneira; o conteúdo impostor (*Imposter Content*), que utiliza o nome de fontes genuínas falsamente; o conteúdo fabricado (*Fabricated Content*), em que o conteúdo é 100% falso, feito com a intenção de enganar e causar danos; a conexão falsa (*False Connection*), quando manchetes, imagens ou legendas não condizem com o conteúdo; o contexto falso (*False Context*) quando um conteúdo verdadeiro é compartilhado com informação contextual falsa; e, por último, o conteúdo manipulado (*Manipulated Content*), que se caracteriza na manipulação de imagens ou informações reais, com a intenção de enganar.

Com base nesses tipos de desinformação, foi elaborada uma matriz da desinformação, onde estas tipologias foram associadas com os mais prováveis

motivos para sua criação e disseminação, como pode ser analisado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Matriz da Desinformação

| | MATRIZ DA DESINFORMAÇÃO | | | | | | |
|--------------------------|--------------------------------|------------------|----------------------|-------------------|----------------------|------------------------|-----------------------|
| Possíveis Motivos | Tipos de desinformação | | | | | | |
| | Sátira/ paródia | Conexão Falsa | Conteúdo Enganoso | Contexto Falso | Conteúdo Impostor | Conteúdo Manipulado | Conteúdo Fabricado |
| Jornalismo ruim | | X | X | X | | | |
| Humor | X | | | | X | | X |
| Provocação | | | | | X | X | X |
| Passional | | | | X | | | |
| Partidário | | | X | X | | | |
| Lucro | | X | | | X | | X |
| Influência política | | | X | X | | X | X |
| Propaganda | | | X | X | X | X | X |

Fonte: Wardle (2017), adaptado pela autora

Esta matriz demonstra que a desinformação se apresenta em diversos formatos, cada uma podendo ser associada com motivações diferentes. A autora faz questão de indicar os termos *disinformation* e *misinformation* como coisas diferentes. Ambos são traduzidos para português como desinformação, mas para Wardle (2017) *disinformation* se trata das informações que são intencionalmente incorretas, que possuem o objetivo principal de espalhar mentiras para ganho de seus criadores. Enquanto isso, *misinformation* se trata da informação falsa que não é repassada com más intenções, e sim por falta de conhecimento, ou pesquisa.

2.3 A MANIPULAÇÃO DE MÍDIAS

Com tantas informações circulando, o criador de conteúdo necessita chamar a atenção de seu público da maneira mais rápida possível. O interesse do leitor precisa ser capturado imediatamente, de preferência no título da matéria, ou pode acabar sendo ignorada em favor de algo que pareça mais interessante. Essa necessidade, entretanto, não surgiu com a internet. A prática de utilizar títulos e imagens apelativas para atrair atenção para o texto é algo utilizado com frequência por jornais vinculados às mídias tradicionais – jornais impressos, tv e rádio.

Em virtude da necessidade de as manchetes capturarem atenção imediata, as matérias de capa precisam ser sensacionalistas, seja por sua natureza violenta, incomum ou inflamatória e sensacionalista. Este tipo de manchete é chamado *fait diver*. Segundo o dicionário Larousse,

fait diver é uma rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo: 'pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo à mão armada, chuvas torrenciais [...] (ANGRIMANI, 1995. p. 13)

Assim, procura-se por meio destes *fait divers* atrair o leitor não pela relevância da informação em seu contexto, mas por meio de reações emocionais instantâneas que aquela curta sentença pode provocar. De acordo com Pedroso, “os *fait divers*, como informação autossuficiente, trazem em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte.” (PEDROSO *apud* AGRIMANI, 1995. p. 14).

Tratando-se de uma técnica básica que captura a atenção por meio da resposta emocional, *fait divers* acabam sendo extremamente efetivos, garantindo atrair um número considerável de leitores. Por conta disso, algo semelhante acabou desenvolvendo-se no ambiente digital: os *clickbaits*.

Este termo, também do inglês, similar aos *fait divers*, configura-se em títulos de natureza apelativa, normalmente acompanhados de imagens igualmente inflamatórias, construídos com o único objetivo de conseguir acessos e/ou compartilhamentos nos ambientes digitais, principalmente em mídias sociais. Possuem caráter sensacionalista, sendo comum a dissociação entre texto e título, que pode dar destaque a uma informação que não tem relevância no texto em si, que foi colocada fora de contexto, ou que é completamente inexistente.

Este tipo de matéria é comum por conta da maneira como os mecanismos de divulgação de informações depositadas dentro das mídias sociais funcionam. Nestas plataformas, a divulgação é feita com base em acessos, compartilhamentos, comentários e demais interações, desconsiderando por completo a natureza do texto em si. Por isso, a natureza instigadora e/ou inflamatória dos *clickbaits* garante ampla visualização, pois as chances de receberem interações – sejam elas positivas ou

negativas – é bastante alta. Isso se deve, em parte, à maneira como tais mídias são construídas e administradas.

Nas redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, as publicações que são colocadas em destaque e recomendadas para seus usuários são feitas a partir de algoritmos: “boa parte da experiência online atualmente é mediada por processos computacionais semiautônomos que, ao analisarem uma ampla massa de dados sobre seus usuários, estruturam como a informação é produzida, acessada, organizada, vista como legítima ou descartada como irrelevante.” (ANANNY *apud* ARAUJO, 2018. p. 4).

Assim, artigos e posts com um grande número de interações acabam sendo recomendados para mais pessoas, tornando *clickbaits* um meio efetivo de marketing. O conteúdo em si não importa, pois, esses artigos possuem a função específica de incitar a curiosidade do indivíduo para que o mesmo acesse o link, e receber dinheiro a partir de propagandas.

Os algoritmos dessas redes sociais funcionam, normalmente, com a premissa de tornar a experiência do usuário na plataforma o mais personalizada possível. Com base nas indicações dadas por esses indivíduos em publicações na rede – postagens feitas, curtidas, compartilhamentos, interações no geral – conteúdos que melhor alinham-se com as crenças dos usuários são constantemente recomendadas e colocadas em destaque.

Enquanto isso, publicações que vão de encontro à visão de mundo destes usuários, ou a qual eles são indiferentes, vão lentamente desaparecendo de suas redes - mesmo quando são feitas ou interagidas por contatos mantidos nessas redes. Desta maneira, ocorre a construção de um espaço onde as opiniões e ideologias do indivíduo são reforçadas constantemente, sem argumentos contrários, discussões ou qualquer forma de confrontação seja exibida. A esses espaços, é dado o nome de filtro-bolha, câmaras de eco, ou bolhas algorítmicas. Segundo Arruda (2018. p. 34),

o narcisismo contemporâneo se constrói maquinicamente: quanto mais interação, mais nos enxergamos diante das telas, e deixamos de enxergar o desconhecido desconhecido (a redundância aqui é proposital, já que queremos dizer que a bolha algorítmica somente nos apresenta o desconhecido conhecido, ou seja, somente nos apresenta mais do mesmo com diferenciação de baixo grau, não estrutural ou potente de choque) (ARRUDA, 2018, p. 34).

É uma estrutura que cerceia o usuário com suas próprias ideias e com aqueles que pensam como ele, sobrando muito pouco espaço para discussões que permitam o entendimento da visão de mundo dos outros, formando cada vez mais na mente dos indivíduos a ideia de que a sua opinião pessoal é uma verdade absoluta.

Os filtro-bolhas são apenas a camada visível de um amplo banco de dados construído pelas inteligências artificiais (IA's) que administram o ambiente digital. Essas IA's absorvem todas as informações depositadas pelos usuários em suas respectivas plataformas, por mínimas que sejam: uma curtida, a visualização de um perfil, contatos, etc. Com essas informações é formado um banco de dados que permite a esses algoritmos a estruturação de perfis psicológicos dos indivíduos nestas mídias, sendo capazes de identificar com grande precisão os gostos, interesses e ideologias desses usuários, algumas vezes mais precisamente que amigos próximos ou a própria pessoa.

Isso permite não só a personalização da web, como também a disseminação de propagandas com base na probabilidade de sucesso analisado por meio dessas informações. “Se você não está pagando por algo [online], o produto é você” (If You're Not Paying for It; You're the Product). Esta é uma expressão popular na internet nos últimos anos, e é um comentário diretamente ligado à forma como as plataformas digitais funcionam. Essas plataformas costumam estar disponíveis gratuitamente, o que garante sua ampla utilização por um variado público, mas ao custo de que as informações compartilhadas podem acabar sendo vendidas para empresas que se utilizam de dados pessoais dos usuários da rede para a disseminação mais efetiva de seus produtos.

Grande parte da receita de plataformas gratuitas na internet provem de propagandas nelas inseridas. É neste contexto de hiperpersonalização, banco de dados carregados de informações pessoais e proliferação de *clickbaits* que as chamadas “*Fake News*” se multiplicam. É neste cenário que a manipulação das mídias, por meio destes mecanismos aparentemente inofensivos, se revigora.

As “*Fake News*”, assim como os *clickbaits*, não são uma invenção da era da Internet, apesar deste ter sido o ambiente na qual as notícias falsas ganharam força, dado suas características de compartilhamento e reprodução velozes. Na Itália do século XVI haviam os Pasquins, assim como em Paris no século XVII haviam os Canards, ambos voltados à disseminação de notícias falsas com conteúdos

desagradáveis, muitas vezes relacionadas às figuras públicas da época. Em Londres no século XVII, o sensacionalismo e as notícias falsas estavam em alta, com jornais preenchendo suas colunas com boatos constituídos por um parágrafo, recolhidos em cafés (DARNTON, 2017).

A manipulação de fatos para a construção de narrativas capazes de alterar a opinião pública é algo que existe desde antes da imprensa como conhecemos hoje, mas o alcance e poder conquistado pelas *Fake News* na internet é singular. Bounegru (2017) afirma que as notícias falsas não são apenas um tipo de conteúdo que circula na internet, e sim que sua existência digital, considerando seu alcance e recepção, as transformam em *Fake News*.

A disseminação de um boato ou artigos propositalmente errôneos não seriam imediatamente considerados *Fake News*, ganhando este título apenas se a interação com estas publicações for significativa, seja por meio de compartilhamentos, *likes*, apoiadores ou refutações. Desta maneira é praticamente impossível separar o fenômeno das *Fake News* das plataformas e estruturas online, ou da cultura digital de engajamento que facilitam sua circulação. Vale comentar que, pela facilidade com a qual é possível compartilhar e republicar algum artigo fora de contexto, mesmo publicações que não poderiam inicialmente serem consideradas *Fake News*, como sátiras e outros textos humorísticos, estas podem acabar se tornando *Fake News* quando tiradas de seu contexto humorístico e republicadas como conteúdo informativo de seriedade.

Um exemplo disto foi o que aconteceu durante o pleito eleitoral em 2016, nos Estados Unidos, quando uma notícia satírica, onde se afirmava que o Papa Francisco apoiava a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos foi postada nas redes sociais. A página na qual o texto foi publicado originalmente indicava claramente a natureza humorística de seus artigos, mas esta publicação foi repostada sem este aviso, levando ao compartilhamento massivo com a compressão de que se tratava de uma notícia verdadeira.

No Brasil temos como exemplo o site Sensacionalista, uma página de humor que publica sátiras ligadas às questões sociais e políticas e que inicialmente foi confundido com um site de jornalismo. No *banner* do site está escrito “Sensacionalista: Um jornal isento de verdade”, declarando sua função satírica, no entanto muitos usuários confundiam esta página com um jornal sério, e davam

crédito às suas notícias, seja por falta de entendimento do objetivo do mesmo, ou pela descontextualização dos conteúdos, algo muito comum na internet.

É muito comum que uma notícia falsa seja, estruturalmente, um *clickbait*. Como dito anteriormente, um artigo *clickbait* costuma ser construído com a função específica de gerar ampla interação entre os usuários. Cria-se uma manchete sensacionalista com a finalidade de estimular o maior número possível de interações e compartilhamentos, uma das principais características das *Fake News*.

Contribuindo para esta circulação, está o fato de que muitos usuários possuem grande confiança em suas redes, como amigos e familiares. Por isso, tendem a não verificar informações que recebem destas fontes informais. Um estudo feito pela Universidade de Columbia demonstra que 59% dos links no *Twitter* não são de fato acessados antes de serem compartilhados (GABIELKOV et al., 2016. p. 183). Desta maneira, as *Fake News* podem espalhar-se livremente com base apenas em uma manchete sensacionalista. O texto da matéria torna-se, em alguns casos, uma mera formalidade.

As *Fake News* não precisam ter estrutura jornalística. Segundo Ruediger e Grassi (2018. p. 29), elas podem ser tutoriais, memes ³, publicações sensacionalistas, vídeos e outras formas de publicação, para além das notícias que imitam as manchetes tradicionais.

Além disto, a inclinação política de grande parte das notícias falsas é inegável, com sua disseminação tendo como objetivo a desmoralização ou exaltação de figuras públicas, acabam sendo agentes ativos na manipulação da opinião pública, afetando até mesmo o resultado de eleições. Estes artigos normalmente se proliferam em grupos em redes sociais, onde a similaridade de pensamentos entre os membros tende a facilitar a aceitação deste tipo de narrativa, gerando ampla polarização na sociedade e acentuando atitudes cada vez mais extremistas.

As redes sociais foram consideradas um refúgio no qual as pessoas poderiam comunicar o que realmente estava acontecendo ao seu redor, sem a interferência de partidos políticos e da imprensa, da qual muitos desconfiavam de sua imparcialidade. Como o ambiente *online* não possuía “filtros” entre aquele que cria a

³ De acordo com Coelho (2018, p. 934), os memes de internet podem ser compreendidos como informações transmitidas entre pessoas via web 2.0, que gradualmente se transformam em um fenômeno social (...) os memes passaram a ser reconhecidos como ideias materializadas em imagens fixas como fotografias, desenhos, *emoticons* (emoção + ícone); ou móveis como vídeos, gifs (formato de intercâmbio de gráficos).

informação e aquele que a recebe, os cidadãos começaram a confiar mais em notícias recebidas pela internet do que por canais tradicionais, pois os agentes presentes são pessoas supostamente de confiança, como amigos e familiares. Para Ruediger

naquele momento, a estratégia de evitar a apropriação do movimento por parte de partidos políticos – principais alvos da revolta das ruas - e a desconfiança na cobertura das manifestações pela imprensa tradicional transformaram as redes sociais em um reconhecido espaço de expressão da democracia, uma vez que assumiram protagonismo como lugar de organização e de difusão de informações (RUEDIGER et al, 2017. p. 5).

O refúgio não durou muito, e logo as redes sociais estavam inundadas de propagandas partidárias, panfletagem e calúnias. Ao invés de um espaço onde os usuários poderiam comunicar acontecimentos sem influências de terceiros, as redes sociais transformaram-se na principal ferramenta de alavancagem política, aproveitando do senso de falsa segurança que notícias encaminhadas por pessoas próximas evocavam para espalhar propaganda política sob o disfarce de notícias sérias.

De acordo com Peng *et al* (2017. p. 1), “opiniões que aparecem nas mídias sociais são valorizadas pelo público em geral porque eles entendem que estas opiniões não são motivadas por questões comerciais ou políticas, e sim sentimentos de ‘pessoas reais’ assim como eles”. Na estrutura destas plataformas digitais, as publicações opinativas (“achismos” e crenças) são utilizadas como fontes de informação da mesma forma que os conteúdos produzidos pelos canais tradicionais de jornalismo. Ruediger afirma que

agora elas [difamações e manipulação de debates] ocorrem em um meio que permite uma veloz massificação dos discursos de tal forma que coloca em risco a credibilidade do espaço e da informação que nele circula. A tradicional panfletagem partidária, por exemplo, ocupa a mesma timeline de notícias difundidas pela imprensa, assim como boatos e detrações propagados por atores políticos de todo o espectro partidário. (RUEDIGER et al, 2017. p. 5)

Sem uma separação clara entre opinião e panfletagem, o usuário destas redes acaba sendo facilmente influenciado por discursos políticos de credibilidade duvidosa. Isso garante que propagandas sejam espalhadas rapidamente, universalizando um discurso falso dentro de determinada rede com enorme eficácia.

Isso garante que, por um lado, notícias falsas sejam creditadas e disseminadas em grandes proporções, ao mesmo tempo que abre precedentes para a desmoralização de informações jornalísticas verdadeiras, acusando estes, ironicamente, de serem *Fake News*.

Outro fator que ajuda na propagação de *Fake News* é a presença crescente de *bots* nas plataformas digitais. Os *bots* são robôs que se passam por usuários humanos para alavancar postagens e fazer comentários programados em publicações, criando falsos debates nos ambientes digitais. Um único indivíduo ou instituição pode gerar um grande movimento online em relação a algum assunto por meio da utilização de *bots* ou de diversas contas falsas manualmente controladas, que podem enganar usuários reais a inadvertidamente se engajarem em uma discussão baseada em notícias falsas e, em muitos casos, em ofensas e agressividades gratuitas.

Existem empresas especializadas na coleta e venda de dados pessoais, na criação de notícias falsas e na reprodução e audiência destes conteúdos a partir do uso dos robôs. Recentemente, foi revelado que a empresa Cambridge Analytica possuía acesso aos dados pessoais de 50 milhões de pessoas, com os quais foi criado um algoritmo que previa o padrão de comportamento e posicionamento político desses indivíduos. Estas informações foram utilizadas para a disseminação de propagandas políticas personalizadas.

Isso influenciou decisivamente no resultado das eleições de 2016, nos Estados Unidos, que tiveram como desfecho a vitória do candidato Donald Trump. Atualmente, esta mesma empresa está sendo investigada por um suposto envolvimento no resultado do plebiscito que acabou com a decisão de que o Reino Unido sairia da União Europeia, conhecido popularmente como Brexit.

De acordo com o jornal *The Guardian*, os dados pessoais dos usuários das redes sociais eram recolhidos por meio de um aplicativo de teste de personalidade online, chamado *this is your digital life* e construído pelo psicólogo Aleksandr Kogan, dono da companhia Global Science Research (GSR). Depois de preenchido, o quiz pedia acesso ao perfil do facebook do indivíduo e quando o acesso era garantido, era possível acessar não apenas o perfil do usuário que realizou o teste, como também de todos os contatos (amigos) vinculados ao seu facebook. Desta maneira cada “*seeder*” (semeador, em português) permitia o acesso aos dados de pelo menos 160 pessoas. Com esses dados em mãos, foi criado um preciso modelo da

personalidade dos donos destes perfis, permitindo a disseminação de notícias personalizadas.

Em entrevista ao *The Guardian* Christopher Wylie, o delator que expos esta conduta da *Cambridge Analytica*, disse que o Facebook estava consciente da enorme quantidade de dados recolhidos por meio deste aplicativo da plataforma, mas não procurou aprofundar-se no que estava acontecendo, aceitando a explicação de que os dados estavam sendo recolhidos para fins acadêmicos (THE GUARDIAN, 2018).

A enorme manipulação política que foi possível realizar com a utilização destas informações demonstra o poder das redes sociais na sociedade atual. Mais do que uma simples ferramenta de comunicação, plataformas como o Facebook transformaram-se em uma simulação do mundo, de maneira artificial e errônea, que ao mesmo tempo imita e modifica o contexto social dos usuários. A barreira entre online e offline é extremamente tênue na atualidade, pois raramente estamos realmente desligados do mundo digital.

As eleições brasileiras de 2018 demonstraram a atuação destes agentes, antes considerados como problemas limitados ao espaço da internet, na realidade política e social do país. Notícias falsas, discursos de ódio e *bots* foram protagonistas na escolha do novo presidente do país.

Segundo a Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV / DAPP), uma notícia falsa sobre fraude nas votações, ligadas a adulterações das urnas eletrônicas recebeu cerca de 1,1 milhão de menções no Twitter, assim como citações ao chamado “kit gay”, uma das notícias falsas que foram amplamente compartilhadas durante o pleito eleitoral no Brasil, em 2018, e que estava ligada ao nome do candidato Fernando Haddad, do PT.

Estas duas notícias falsas foram consideradas as mais divulgadas no período analisado pelo relatório – entre 22 de setembro e 21 de outubro de 2018. Em terceiro lugar encontra-se menções sobre um suposto livro que Haddad teria escrito, chamado “Em Defesa do Socialismo”, com 48,7 mil referências sobre o assunto. Quanto à utilização de bots, em uma amostragem de 7.465.611 tuites e 5.285.575 retuites relacionados à Bolsonaro e Haddad, no período de 12 a 18 de setembro de 2018, cerca de 12,9%, correspondente a 681.980 interações, foram executadas por robôs. Foram identificadas 3.198 contas *bots* nesta amostragem, sendo 17,8% dos

retuítes automatizados favoráveis à Bolsonaro e 13,2% ligados à Haddad e, em escala bem menor, Guilherme Boulos do PSOL (RUEDIGER; GRASSI, 2018).

No momento atual, as redes sociais ocupam principal ponto nas campanhas de candidatos a cargos públicos. A televisão ocupava antes este papel central na divulgação das plataformas políticas, com sabatinas, debates e o horário político obrigatório, no entanto agora possui papel cada vez menor no pleito eleitoral.

O Partido Social Liberal – PSL, do atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro, era um dos partidos com menor tempo televisivo. Mesmo assim, elegeu 54 deputados em 2018, sendo a maior bancada na câmara atualmente (CAMÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018). Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump, eleito em 2016, não deu entrevista a nenhuma das principais redes televisivas do país, com exceção da FOX, conhecida por seu forte apoio a Trump (RAMONET, 2019, p. 121). Ambas vitórias se devem às campanhas feitas nas redes sociais, onde houve enorme engajamento destes agentes políticos.

O crescimento da manipulação de informações dentro das mídias sociais, promove a acentuação das bolhas geradas pelos algoritmos destas plataformas. A separação de conteúdos criadas por esses mecanismos não apenas contempla pessoas que pensam similarmente, como permite a distribuição de dados adulterados que “comprovam” a opinião do indivíduo. O debate não existe, visões de mundo contrária são descartadas e a intolerância cresce vertiginosamente. No momento atual fatos são maleáveis, a verdade pode ser alternativa e a realidade se dobra à vontade de seu contemplador. “A verdade está morta” diz a capa da revista estadunidense *Time*, após a eleição de Trump.

2.4 A PÓS-VERDADE E A NATURALIZAÇÃO DAS OPINIÕES

Vivemos tempos difíceis em que a verdade pouco importa. Se a verdade está morta, como apontou a capa da *Time* em 2016, não temos nenhum compromisso com os fatos e com o que é verdadeiro. Vivemos, portanto, na era da mentira. As opiniões tornaram-se fatos e fontes de informação em que as pessoas depositam mais confiança do que a própria ciência e a pesquisa. Um bom exemplo disto são os terraplanistas: uma geração de desinformados que sem qualquer pesquisa científica afirmam que a terra é plana, ao contrário do que Pitágoras, Aristóteles e outros

cientistas da filosofia Grega revelaram a partir de suas pesquisas. Eis o tempo presente: os fatos e a ciência já não importam.

A Chanceler alemã Angela Merkel, quando derrotada nas eleições em 2016, fez a seguinte declaração: “Vivemos em tempos pós-factuais. As pessoas já não se interessam pelos fatos, e sim pelos sentimentos e pelas emoções suscitadas por informações falsas” (RAMONET, 2019, p. 124). Concordando com Merkel, podemos dizer que entre uma verdade que seja contrária à sua crença e uma mentira que a confirme, a mentira será escolhida imediatamente. E se questionado, é possível ouvir respostas como “esta é minha opinião”, mesmo quando o assunto não possui fatores subjetivos. A narrativa da realidade embasada o mais fielmente possível nos fatos e acontecimentos não é mais necessária, podendo ser descartada em favor da emoção, e os “debates” não são nada mais que competições onde ganha o grupo que gritar mais alto ou ofender mais.

A Pós verdade é um conceito denso e interdisciplinar, abrangendo diversas áreas do conhecimento como a filosofia, a psicologia, a sociologia, dentre outros. Em virtude disto, existe uma grande dificuldade em defini-la. Levando isto em consideração, este trabalho procura abordar uma reflexão sobre a Pós-verdade para discutir exclusivamente o fenômeno da desinformação e das *Fake News*.

O neologismo *post-truth* foi escolhido pelo Dicionário de Oxford como a palavra do ano em 2016, o descrevendo como “relativo ou indicativo de situações onde fatos objetivos influenciam menos a opinião pública do que apelos a emoção ou crenças pessoais” (WANG, 2016). As pessoas estão cada vez mais abandonando a criticidade em suas respostas às informações recebidas. A informação não é processada, não é assimilada pelo cérebro. A resposta é visceral; é a raiva, o ódio, a presunção de ter sido reafirmado que é levado em conta.

A pós verdade não se limita às Fake News. D’Ancona (2018) defende que a pós-verdade não é sinônimo da mentira, ou da disseminação de rumores, mas sim a maneira como interagimos com estes fatores. Os indivíduos se tornaram cada vez mais indiferentes a presença destes conceitos em seus espaços, tornando-se lentamente coniventes e participantes ativos, não mais atribuindo fatos concretos como o cerne para decisões do interesse público e social (CRUZ JUNIOR, 2019. p. 280-281). Steve Tesich, o primeiro a utilizar o termo “pós-verdade”, em 1992, disse em seu artigo para o jornal *The Nation* que

nós estamos rapidamente nos tornando o protótipo de um povo que os monstros totalitários podiam apenas fantasiar sobre em seus sonhos. Todos os ditadores até o momento tiveram que trabalhar duro para suprimir a verdade. Nós, por nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que nós adquirimos um mecanismo espiritual que pode despojar da verdade qualquer significado. De maneira bem fundamental nós, como um povo livre, decidimos livremente que queremos viver em um mundo de pós-verdade (TESICH apud KREITNER, 2016) (Tradução da autora).

Esse cenário reflete a inversão ideológica que os indivíduos, quando se tornam adeptos a uma ideia ou discurso, tendem a fazê-lo de maneira contrária a que se espera, que seria escolherem cautelosamente os discursos que lhe fazem mais sentido, com base em fatos e conclusões cuidadosamente interpretadas. Ao invés disso, a tendência é a escolha da ideia e do discurso em primeiro plano, absorvendo os ideais daquela comunidade, e só então ocorre a busca de argumentos que validem estas opiniões (D'ANCONA apud CRUZ JUNIOR, 2019. p. 281). Desta forma, os fatos são apenas ferramentas utilizadas para a validação de opiniões arbitrárias construídas em um coletivo, sua autenticidade sendo irrelevante para sua utilização. Isto pode ser observado em comunidades online que negam conhecimentos, principalmente científicos e históricos, até pouco tempo atrás entendidos como universais.

Bons exemplos disto são a comunidade anti-vacina, que acredita que as vacinas são inefetivas ou causam graves problemas de saúde e/ou psicológicos, e por isso recusam a imunização própria e de seus filhos, e o movimento terraplanista, que ignora centenas de anos de avanços tecnológicos, cálculos matemáticos, pesquisas científicas e provas fotográficas em favor da crença que o planeta Terra é na verdade plano como um disco. Estas duas comunidades, bastante comentadas nos últimos tempos, seja em defesa destas ideias ou indignação diante delas, tem fortalecido a polarização das ideias representadas pelas bolhas.

Elas baseiam-se em fatos criados por seus próprios membros, que replicam artigos e posts infinitamente dentro de sua bolha, reciclando argumentos e recusando como falso qualquer informação que os contradiga. Os principais argumentos utilizados são conspirações governamentais, que os críticos são alienados e não tiveram contato com estudos legítimos. Também há a utilização de estudos desbancados pela comunidade científica, seja pela superficialidade de

dados, adulteração ou a improbabilidade de replicação dos resultados, mas que são continuamente usados nos fóruns e conteúdos destas tribos.

É difícil mensurar a seriedade por trás do movimento terraplanista, ou seja, quantos integrantes nesta comunidade realmente acreditam no que dizem e quantos participam ironicamente. Em contrapartida, o movimento anti-vacina, diferente do terraplanismo, pode trazer problemas graves à saúde pública, como o retorno de doenças que haviam sido erradicadas no país.

Na sociedade da pós-verdade o que importa é a defesa do seu ponto de vista. Fatos contrários são falsos, mudar de opinião é impensável. E como a informação é apenas uma arma na luta pelo seu direito de opinar sobre tudo, a sua veracidade é desnecessária. A mentira é justificável e deixa de ser considerada imoral, sendo não só esperada, como incentivada. De acordo com Keyes

apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular sem culpa. Eu chamo isso de pós-verdade [...] A pós-veracidade existe em uma zona ética crepuscular. Permite-nos dissimularmos sem nos considerarmos desonestos. Quando o nosso comportamento entra em conflito com os nossos valores, o que somos mais propensos a fazer é reconceber os nossos valores (KEYES apud LINS et al, 2019. p, 165).

Isso garante que o fenômeno da desinformação não só se perpetue como também seja legitimado, pois a justificativa da manipulação de informações de maneira tão deliberada e aberta garante que a visão de ética e moral na mentalidade dos cidadãos seja alterada profundamente. Nós, como sociedade, fomos acostumados com a ideia de que o crime, a antiética e demais falhas serão tratadas pelos transgressores como segredos, que serão negados até a última consequência, admitidos apenas em arrependimento. Por isso, temos a ideia de que um ato admitido publicamente, com ar de naturalidade, não pode ser considerado errado, ou ilegal. Em realidade, nem ao menos o registramos como um ato condenável, a menos que consideremos o assunto por um momento.

Na seção a seguir apresentamos a abordagem metodológica utilizada no desenvolvimento desta pesquisa e apontamos algumas reflexões finais alcançadas a partir da construção dos capítulos e seções que anteriores.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA E RESULTADOS INVESTIGATIVOS

3.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Buscamos com esta investigação problematizar o contexto da desinformação, mesmo considerando que vivemos numa sociedade onde a informação tem estado ao alcance de grande parte da população a partir do uso de inúmeras ferramentas proporcionadas pela evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação, além do uso das redes sociais, também fruto destes ditos progressos tecnológicos. Além disto, buscamos identificar as principais causas e agravantes deste problema no contexto da sociedade da informação e da ampla utilização da internet.

Para desenvolver esta investigação, definimos seguir um caminho metodológico cuja abordagem é qualitativa, descritiva e baseada nos procedimentos de revisão e pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

A pesquisa bibliográfica trata-se do estudo da bibliografia existente em relação a um assunto, analisando criticamente as discussões levantadas nestes contextos. Segundo Lima e Mito (2007. p. 38) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo”.

É uma reflexão empírica, que não utiliza dados quantitativos, bem como não se realiza um trabalho de campo. Os autores afirmam, também, que diferente da revisão bibliográfica, que objetiva apenas o recolhimento de fontes, a pesquisa bibliográfica exige a análise e fundamentação teórica do assunto estudado, junto com a compreensão do que foi pesquisado, permitindo futuras análises dos dados obtidos (LIMA; MIOTO, 2007. p. 44).

De acordo com Gil (2002. p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” O autor então elabora sobre as fontes normalmente utilizadas, criando categorias sobre o assunto investigado. Para o autor, os livros são separados em duas categorias principais: os de leitura corrente e os de referência. Os de leitura corrente se tratam de livros literários e obras de divulgação, que seriam as obras que tem como finalidade proporcionar a compreensão de conceitos científicos ou técnicos.

Os livros de referência, como indicados por sua categorização, são livros destinados a rápida consulta de termos e conceitos, como as enciclopédias e os dicionários, dentre outros. A segunda fonte principal citada são os periódicos,

categorizadas pelo autor a partir de sua edição em volumes, com alguma regularidade de publicação. As principais fontes periódicas são os jornais e revistas, que contam com vários autores dissertando sobre temas variados, mas normalmente com um objetivo relativamente definido (GIL, 2002. p. 44 – 45).

A abordagem qualitativa é definida por Gil (2002. p. 133) como “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. Redução dos dados se trataria da etapa de recolhimento e seleção dos dados que podem ser utilizados na pesquisa. A categorização se trata da análise destes dados, para tomada de decisões e elaboração de conclusões sobre seus significados. A interpretação seria a elaboração das conclusões propriamente dita e a abstração dos dados em relação com o contexto estudado (GIL, 2002).

Minayo (2012. p. 622) afirma que há três verbos principais ligados à abordagem qualitativa: compreender, interpretar e dialetizar. Compreender está ligado à capacidade de se colocar no lugar do próximo, levar em conta a singularidade das vivências, contextos e manifestações, isto é, não esquecer das subjetividades presentes no objeto de estudo. Interpretar é a prática de se apropriar dessas compreensões e formular significados, projetar possibilidades (Minayo, 2012).

As referências utilizadas neste trabalho foram recolhidas, em sua maioria, de bases de dados e repositórios disponíveis online. As principais plataformas de busca acessadas foram o Google Acadêmico e o Scielo. Os materiais físicos consultados, em sua maioria de leitura corrente e categorizados como obras de divulgação, foram retirados da Biblioteca Central Prof. Alpheu da Veiga Jardim - Campus Samambaia, da Universidade Federal de Goiás. Os periódicos pesquisados foram artigos de revistas, relatórios de pesquisas e anais de eventos, disponíveis digitalmente em repositórios e bases de dados. Quanto aos idiomas, foram consultadas obras nos idiomas português e inglês, línguas na qual a autora possui certa habilidade.

3.2 OBSERVAÇÕES E REFLEXÕES DA PESQUISA

O trabalho do bibliotecário mediante o cenário descrito neste trabalho é o de garantir o apoio aos usuários em sua busca por informações confiáveis. É preciso transformar as bibliotecas e demais unidades de informação em ambientes autônomos de pesquisa, onde os cidadãos possam se relacionar com o conhecimento de maneira segura, recebendo informações mais precisas e fidedignas com a verdade. Para além disto, é preciso que este cidadão consiga ter autonomia para transitar neste ambiente de conhecimento buscando e avaliando suas fontes de informação.

Como dito anteriormente, a mediação da informação é um dos principais deveres do profissional bibliotecário, pois todas as ações dentro de uma unidade de informação precisam ser pensadas com o usuário e suas necessidades em mente. Também é preciso garantir a autonomia do indivíduo, permitindo que o mesmo consiga transitar pelos materiais o mais independentemente possível, sendo o bibliotecário um auxiliar em suas buscas, e não controlador de seu processo informativo.

Entende-se que um usuário que conquista sua autonomia dentro da biblioteca, ou seja, um usuário que se torne capaz de avaliar criteriosamente suas fontes de informação, alcança uma experiência mais responsável com a produção do conhecimento e uma relação mais sensata com as informações que circulam nas mídias sociais. Esta experiência é possível por meio de uma boa mediação e formação realizadas por este profissional da informação e do conhecimento.

Sugere-se a execução esporádica de ações que possibilitem a construção de autonomia informacional por parte dos usuários, tanto dentro da unidade de informação, como na utilização da internet. A unidade, quando física, não pode ausentar-se dos espaços tecnológicos, sendo preciso a criação de uma presença online e/ou, quando limitações de alguma natureza atrapalharem esta questão, a capacitação do profissional bibliotecário nas dinâmicas tecnológicas e em sua utilização. As unidades de informação não podem existir isoladas, é necessário que elas se apropriem dos meios tecnológicos.

As Fake News exigem do (a) bibliotecário (a), cuidado redobrado no processo de mediação da informação. Trata-se de um problema sério que necessita de conscientização em um nível profundo para a população e medidas sérias por partes das plataformas. O combate as Fake News deveria se dar não somente no âmbito das políticas públicas ou de uma mediação e formação informacional por parte dos

(as) bibliotecários (as), mas também a partir de uma regulação privada que possa fiscalizar e punir empresas (como o *Facebook*) que permitam o compartilhamento e produção de notícias falsas.

Como ação paliativa, o Relatório da Segurança Digital no Brasil (2018), da dfndr lab⁴, traz indicações que ajudam a identificar este tipo de conteúdo. Para identificar as notícias falsas, é preciso prestar atenção na fonte, verificando se o site vinculado é confiável; se a autoria costuma ser anônima, apenas com o primeiro nome, ou com apelidos; se os erros de português são comuns; se o conteúdo possui tom alarmista, com manchetes sensacionalistas e palavras como “alerta”, “atenção”, “cuidado”, “vergonha”, entre outros presentes no texto, muitas vezes em letras maiúsculas e com grande destaque; se não nomeia fontes, colocando identificadores genéricos como “pesquisadores”, “especialistas”, “médicos”; se é comum pedir que seja compartilhado nas redes sociais (DFNBR LAB, 2018. p. 16).



Figura 2 – A estrutura de uma notícia falsa

Fonte: Relatório da Segurança Digital no Brasil, 2018.

⁴ <https://www.psafce.com/dfndr-lab/pt-br/>

Estas são algumas pistas que podem auxiliar no processo de avaliação das informações consumidas nas redes sociais, no entanto, isto não quer dizer que todas as *Fake News* estarão configuradas fielmente nesta estrutura, mas é possível identificar um ou mais destes pontos-chaves. Também é aconselhável verificar se a notícia foi divulgada por outros sites, priorizando sites conhecidos por sua fidedignidade. Outra prática que pode auxiliar na identificação são os sites de *fact-checking* ou checagem, especializados em desbancar conteúdos falsos na internet. Alguns bem conhecidos são os sites E-farsas⁵, AosFatos⁶ e a Agência Lupa⁷, da Folha de S. Paulo. A Lupa também possui um *podcast* chamado “Verifica”, disponível no site e nas redes sociais da Lupa, assim como em plataformas de *streaming* de áudio, como o *Spotify* e o *Google Podcasts* (LUPA, 2019).

A *The International Fact-Checking Network* (Rede internacional de checagem de informações), posta constantemente em seu site (<https://www.poynter.org/ifcn>) iniciativas de *fact-checking* ao redor do mundo, artigos sobre desinformação e fake News, além de promover congressos relacionados a essas temáticas.

Ações de incentivo à leitura também são importantes. Ler e interpretar é como um músculo: precisa ser exercitado constantemente. Aprender a interpretar os signos linguísticos é apenas o início da jornada para uma apropriação mais responsável dos conteúdos com os quais o indivíduo entra em contato. Como mediador da informação, o profissional bibliotecário pode encontrar maneiras de incentivar leituras mais profundas que as normalmente feitas nas redes sociais, com a formação de espaços de interação com obras que despertem o interesse dos seus usuários, permitindo o desenvolvimento das capacidades críticas de interpretação.

Para entender as necessidades do público da unidade de informação, é aconselhável a efetuação de estudos de usuário, para conseguir estabelecer em qual contexto informacional a unidade e seus usuários se estabelecem. Conhecer os membros da comunidade é importante para uma mediação mais objetiva e produtiva que atenda as especificidades e demandas daquele público.

Enfim, é importante entender que as ações voltadas ao combate da desinformação precisam ser constantes. Uma ação esporádica pode ajudar no momento, mas não causaria mudanças a longo prazo. É preciso trabalhar de

⁵ <http://www.e-farsas.com/>

⁶ <https://aosfatos.org/>

⁷ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>

maneira diligente para a construção de uma sociedade mais preparada para lidar com a informação, para assim ser possível aproveitar o melhor possível as vantagens da Era da Internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento exponencial das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) permitiram conectar com uma facilidade nunca antes vista na história da humanidade, diferentes vivências e contextos ao redor do mundo. As distâncias diminuíram, e a informação está no centro das interações deste novo modelo de sociedade, seja no ambiente profissional, social ou pessoal.

Entretanto, o excesso de informações não resolveu problemas antigos, como a desinformação. Pelo contrário: a enorme quantidade de conteúdos disponíveis a todo momento criou um modelo cada vez mais fragmentado de lidar com a informação, tornando as leituras mais rasas e atrapalhando a produção de sentido dos receptores. Neste contexto vê-se emergir dois tipos de pessoas, aquelas que não se informam e as que são mal informadas. O perigo está no segundo caso, em que a pessoa se sente informada e, no entanto, está praticando a reprodução de notícias falsas.

Ademais, muitas doenças surgiram por conta deste cenário, como o “medo de perder algo” (FoMO), onde o indivíduo sente uma necessidade constante de estar conectado e consumindo conteúdo, tendo a sensação de que as outras pessoas sabem, tem contato, ou vivenciam muito mais do que ele. A Ansiedade Informacional, outro problema que se proliferou na Sociedade da Informação, é a necessidade auto imposta de estar a par de todos os assuntos comentados, tendo a sensação de estar sendo deixado para trás quando isso não é cumprido, o que, com a quantidade absurda de informações sendo compartilhadas nos espaços digitais constantemente, se torna um sentimento constante.

FoMO e Ansiedade Informacional estão intrinsecamente relacionados com as interações sociais, pois mais importante do que consumir, é participar do evento causado por aquele conteúdo. A cultura participativa da internet garante em ocasiões que a interação em volta de algo – seja um filme, uma notícia, um acontecimento – se torne mais central do que o que está discutindo em si. Isto não é necessariamente ruim: a facilidade de discussão de um assunto no universo digital permite o contato com diversas interpretações que podem enriquecer a experiência do indivíduo com determinado conteúdo.

O problema desta cultura é, na verdade, o imediatismo característico das redes digitais: o assunto é interessante por uma janela de tempo relativamente curta,

ocasionando uma crescente necessidade de consumo rápido e interação imediata. O conteúdo consumido não tem tempo de ser propriamente digerido, pois há o risco de ficar fora da discussão, do assunto tornar-se velho e ser substituído.

Assim, a possibilidade de criação de sentido baseada em discussões pautadas em interpretações de diversos contextos proporcionado pelo ambiente digital acaba se mantendo rasa, pelo tempo ínfimo permitido para o assunto nascer, se desenvolver e, rapidamente, morrer. Pode-se afirmar, portanto, que estes comportamentos (ansiedade informacional e fomo) são o resultado desta nova experiência de comunicação construída neste espaço e que a partir deles, muito possivelmente, as pessoas acabam fortalecendo uma relação extremamente pobre com a leitura e a interpretação do que se lê porque desejam acompanhar tudo que está na web, o que é impossível. Isto, por sua vez, ajuda a compor o quadro da desinformação.

Como grande adversário da informação temos as *Fake News*, construídas para disseminar rumores, muitas vezes com motivações políticas. Estas notícias demonstram claramente que os desenvolvimentos no espaço digital não ficam confinados a ele, sendo causados e refletidos por acontecimentos importantes do mundo real. As *Fake News* se aproveitam das estruturas das comunidades online, como os mecanismos de hiperpersonalização que ocasionam as bolhas algorítmicas, e das interações mantidas pelos indivíduos nestes espaços para se proliferar e mudar a opinião popular em favor dos objetivos de seus disseminadores.

De acordo com o Relatório Obercom (2018, p. 20), seriam duas as motivações para a criação e disseminação de *Fake News*. Uma delas seria a “dimensão econômica das instituições jornalísticas, nomeadamente inscrita num modelo comercializável na internet baseado em anúncios”, além dos “interesses políticos e ideológicos” que “promovem e disseminam informação que venha de algum modo beneficiar os seus interesses”.

Isto confirma os últimos acontecimentos políticos associados aos recentes pleitos eleitorais nos Estados Unidos, com a vitória de Donald Trump em 2016, e no Brasil, com a vitória de Jair Bolsonaro, em 2018. No Reino Unido há o exemplo recente do *Brexit*, referente à saída do Reino Unido da União Europeia a partir do referendo em 2016. Tais exemplos são pontuais para uma reflexão sobre o perigo da desinformação no meio político como estratégia utilizada para manipular a população.

Com o fechamento das comunidades online em um ambiente onde apenas suas ideias são repetidas infinitamente dentro da bolha, a polarização da sociedade torna-se cada vez maior. Isso garante a revalidação constante de um ponto de vista único, prejudicando o exercício do pensamento crítico e o debate de ideias. Assim, as opiniões pessoais são entendidas cada vez mais como fatos absolutos.

A pós-verdade tem se fortalecido cada vez mais, alimentada por esta hipervalidação de ideias e ideais pessoais. A verdade torna-se supérflua, podendo ser descartada por versões alternativas que validem seu ponto de vista. A informação possui o único objetivo de ser uma arma contra aqueles que tenham visões de mundo divergentes. Sua veracidade não é importante neste cenário.

Todos estes fatores contribuem para o fortalecimento da desinformação na sociedade atual.

Diante disto, mais importante que a disponibilidade de informações, é o preparo da população para apropriação destes meios de maneira efetiva. Pode-se dizer que uma grande etapa foi pulada no caminho para a Sociedade da Informação. As Tecnologias da Informação e Comunicação tornaram-se o centro do mundo contemporâneo, mas a construção de competências como a capacidade de interpretar criticamente todos estes conteúdos não foi alcançada, resultando neste grave problema que se tornou a desinformação. Além disso, a enorme quantidade de informações gera leituras incompletas do mundo, pois a necessidade de estar a par de múltiplos assuntos, garante que cada vez menos tempo seja dedicado na produção de sentido. A desinformação é um problema grave que prejudica o desenvolvimento da sociedade como um todo, afetando diversos campos, como o social e o político.

O caminho que precisa ser percorrido para a formação de uma sociedade mais preparada para lidar com os desenvolvimentos tecnológicos é muito longo e exige a atenção da sociedade como um todo. Como profissionais da informação, o dever do (a) bibliotecário (a) neste cenário é auxiliar a sua comunidade de usuários na busca por informação, de modo a incentivar a formação crítica dos indivíduos, estabelecendo e construindo uma relação de confiança com seus usuários, garantindo a veracidade das informações obtidas nas unidades de informação. Além disso, é necessário engajamento do bibliotecário com as novas tecnologias, não podendo manter-se distante da discussão em torno da Era da Informação.

Embora seja evidente a importância de uma atuação bibliotecária voltada para a formação e mediação capacitada do conhecimento, pode-se afirmar e entender que sem a construção de políticas públicas e de uma regulação privada, o combate a desinformação e as notícias falsas se torna ainda mais penoso e moroso.

É preciso entender o contexto no qual a sociedade se encontra, para poder efetuar ações que levem a maior consciência dos usuários em relação à informação. Um indivíduo consciente de sua responsabilidade no espaço informacional, onde todos possuem o poder de informar e desinformar, terá mais cuidado não apenas em sua forma de obter informação, como também em como, e o que, compartilha em suas redes. Sousa (2017) levanta o importante papel dos estudos de usuário neste cenário, pois por meio destes é possível entender mais profundamente as diversas necessidades do público atendido, permitindo o desenvolvimento de ações mais efetivas de mediação da informação.

A partir destas reflexões pode-se afirmar que a desinformação é resultado de uma série de novos comportamentos cultivados no espaço da web, somado a um descrédito com a verdade e uma exaltação as opiniões que são alimentadas pelas bolhas construídas nas comunidades virtuais.

Por fim, a discussão em torno dos conceitos apresentados neste trabalho aponta para considerações que obviamente não encerram o debate e que continuaram reverberando em busca de uma melhor compreensão deste novo cenário informacional resultante de tantas e constantes evoluções da tecnologia. Os avanços na área das TICs são vertiginosos, nunca continuando iguais por muito tempo. Acompanhar este contexto é exigente e trabalhoso, mas necessário. É preciso que o engajamento do (a) bibliotecário (a) seja também político, para além de informacional, entendendo que é somente a partir de um conjunto de estratégias pontuais envolvendo toda a sociedade, que será possível combater o mal da desinformação.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. **As Palavras de Saramago**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

ALVES, Cláudio Diniz. Informação na twitofera. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p.92-105, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v9i1.1921>. Acesso em: 3 out. 2019.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ARRUDA, Mario Alberto Pires de. **Ecologia da bolha algorítmica**: liberdade e controle nas redes de comunicação online. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172953>. Acesso em: 20 out. 2019.

BARRETO, A. M. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**. Campinas, v. 17, 111-122, 2005. Disponível em: <http://ref.scielo.org/z8gxxz>. Acesso em: 18 out. 2019.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. A biblioteca pública e sua função educativa na sociedade da informação. **RACIn**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 5-20, 2013. Disponível em: http://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v1_n2/racin_v1_n2_artigo01.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

BOUNEGRU, Liliana et al. **A Field Guide to " Fake News" and Other Information Disorders**. SSRN Electronic Journal, : Amsterdam, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322839089_A_Field_Guide_to_'Fake_News'_and_Other_Information_Disorders. Acesso em: 25 out. 2019.

CADWALLADR, Carole; GRAHAM-HARRISON, E. The Cambridge analytica files. **The Guardian**, v. 21, p. 6-7, 2018. Disponível em: http://davelevy.info/Downloads/cabridgeanalyticafiles%20-theguardian_20180318.pdf . Acesso em: 03 nov. 2019.

CAN, Gurhan; SATICI, Seydi Ahmet. Adaptation of fear of missing out scale (FoMOs): Turkish version validity and reliability study. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, 2019. Disponível em: <http://ref.scielo.org/h43pvd>. Acesso em: 02 out. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 17. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CRAWFORD, Susan. The origin and development of a concept: the information society. **Bull. Med. Libr. Assoc.**, v. 71, n. 4, p. 380-385, 1983. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC227258/pdf/mlab00068-0030.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CRUZ JUNIOR, Gilson. Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. **ETD- Educação Temática Digital**, v.21, n.1, p.278-284, 2019. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/20998f269ab6b8a43448b5e5ac065cab/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2029534>. Acesso em: 09 nov. 2019.

CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 8, n. 15, p. 41-46, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99>. Acesso em: 15 set. 2019.

DARNTON, R. A verdadeira história das notícias falsas. **El País**, 01 maio 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em: 15 set. 2019.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, 2000. Disponível em: <http://ref.scielo.org/74skft>. Acesso em: 17 abr. 2019.

DFNDR LAB. **Relatório da Segurança Digital no Brasil**: terceiro trimestre. 2018. 18 p. (Relatório da Segurança Digital, 5). Disponível em: <https://www.psafe.com/dfndr-lab/pt-br/relatorio-da-seguranca-digital/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

DUARTE, Yaciara Mendes. A Sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da biblioteconomia social. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos.; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves. **Bibliotecário do Século XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. IPEA, 2018. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=32855:bibliotecario-do-seculo-xxi-pensando-o-seu-papel-na-contemporaneidade&catid=410:2018&directory=1. Acesso em: 07 ago. 2019.

FERNANDES ARAUJO, W. A construção da norma algorítmica: análise dos textos sobre o Feed de Notícias do Facebook. **E-Compós**, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1402>. Acesso em: 20 out. 2019.

FORMENTIN, Cláudia Nandi; LEMOS, Maite. Mídias sociais e educação. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES–SIMFOP, 3., Tubarão. **Anais...** Tubarão, 2011. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_ii%20sfp/Claudia%20Formentin_Maite%20Lemos.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GABIELKOV, Maksym et al. Social clicks: What and who gets read on Twitter? **ACM SIGMETRICS Performance Evaluation Review**, v. 44, n. 1, p. 179-192, 2016. Disponível em: <https://hal.inria.fr/hal-01281190>. Acesso em: 15 set. 2019.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 2, 2016. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/view/81>. Acesso em: 12 set. 2019.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789 – 1848**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KREITNER, Richard. Post-Truth and Its Consequences: What a 25-Year-Old Essay Tells Us About the Current Moment. **The Nation**, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

LEMONS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso do Twitter. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DISCURSO, 1., 2008. **Anais...**, 2008. p. 652 – 663. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/O%20PODER%20DO%20DISCURSO%20NA%20CULTURA%20DIGITAL%20lemons.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

LEVINSON, Paul. **Digital McLuhan: a guide to the information millennium**. New York: Routledge, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: ED. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: ED. 34, 2010.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de.; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LINS, Anthony Jose da Cunha Carneiro; Rocha Jr, Dario Brito; SOUZA, Alice Cristiny Ferreira de. Jornalismo à deriva no mar da pós verdade: a busca da verdade como método. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 160-176, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v15i1.4558>. Acesso em: 09 nov. 2019.

LOJKINE, Jean. **A Revolução Informacional**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUPA. Folha De S. Paulo, 2019. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, [2002].

MENDONÇA, Mario Jorge, SILVA, José Jaime da. Estimação da demanda por serviços de internet a partir de microdados da pesquisa TIC Domicílios 2015. In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **2017 TIC Domicílios**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n3/v17n3a07>. Acesso em: 07 nov. 2019.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero**, v. 8, n. 3, 2007. Disponível em: http://www.brappci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_31a590c998_0007547.pdf. Acesso em: 05 nov. 2019.

OBERCOM. **As Fake News numa sociedade pós-verdade**: contextualização, potenciais soluções e análise. Lisboa, 2018. Disponível em: <https://obercom.pt/as->

fake-news-numa-sociedade-pos-verdade-contextualizacao-potenciais-solucoes-e-analise/. Acesso: 29 nov. 2019.

OLIVEIRA, Natália Gastaud de. **Ansiedade Informacional**: o caso dos estudantes de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/37539>. Acesso em 09 out. 2019.

PENG, Jian et al. Astroturfing detection in social media: a binary n - gram - based approach. **Concurrency and Computation: Practice and Experience**, v. 29, n. 17, p. e4013, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cpe.4013>. Acesso em: 01 out. 2019.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasília-DF: Câmara dos Deputados, c2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, v. 9, n. 11, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.153>. Acesso em: 11 set. 2019.

PRZYBYLSKI, et al. Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 4, p. 1841-1848, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563213000800?via%3Dihub>. Acesso em: 09 out. 2019.

RAMONET, Ignácio. Geopolítica da pós-verdade: a informação na era das fake news. In: MORAES, Dênis de (org.). **O poder midiático e disputas ideológicas**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2019. p. 113 – 130.

RECUERO, R. **O que é mídia social?**. 2011. Disponível em: http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/o_que_e_midia_social.html. Acesso em: 12 abr. 2019.

RESNICK, B. The library of the future is here: t's got 3-D printers, laser cutters, sewing machines, and its own roast coffee, named "shush.". **CityLab**, 24 jan. 2014. Disponível em: <https://www.citylab.com/design/2014/01/library-future-here/8193/>. Acesso em: 29 out 2019.

RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Claudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 49-70, 2002. Disponível em: <http://ref.scielo.org/y4mscf>. Acesso em: 15 out. 2019.

ROGERS, Arielle P.; BARBER, Larissa K. Addressing FoMO and telepressure among university students: Could a technology intervention help with social media use and sleep disruption?. **Computers in Human Behavior**, v. 93, p. 192-199, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.016>. Acesso em: 15 out. 2019.

RUEDIGER, Marco Aurélio et al. **Robôs, redes sociais e política no Brasil**: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. FGV, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/18695>. Acesso em: 15 out. 2019.

RUEDIGER, Marco Aurélio; GRASSI, Amaro. **Desinformação na era digital**: ampliações e panorama das Eleições 2018. FGV, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/25742>. Acesso em: 07 nov. 2018.

SALCEDO, Diego Andres; SILVA, Jhoicykelly Roberta Pessoa. A disseminação da informação: o papel do bibliotecário-mediador. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 22, n. 1, p. 23-30, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6483172>. Acesso em: 15 set. 2019.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo**: O poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUSA, Amanda Moura de. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós verdade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017. **Anais do CBBB...**, 2017. p. 2390 – 2402. Disponível em: <https://www.portal.febab.org.br/anais/article/view/1952>. Acesso em: 11 nov. 2019.

WANG, Amy B. 'Post-truth' named 2016 word of the year by Oxford Dictionaries. **The Washington Post**, 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/11/16/post-truth-named-2016-word-of-the-year-by-oxford-dictionaries/>. Acesso em: 07 nov. 2019.

WARDLE, Claire. Fake news. It's complicated. **First Draft**, 2017. Disponível em: <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>. Acesso em: 09 nov. 2019.

WEIL, Pierre. A Normose Informacional. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 61-70, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a08v29n2>. Acesso em: 15 out. 2019.

WERTHEIN, Jorge. A Sociedade da Informação e seus desafios. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2019.

WILKINSON, Philip. **Mitos & Lendas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WURMAN, R.S. **Ansiedade de Informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,

SP, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269080>.
Acesso em: 20 set 2019.